

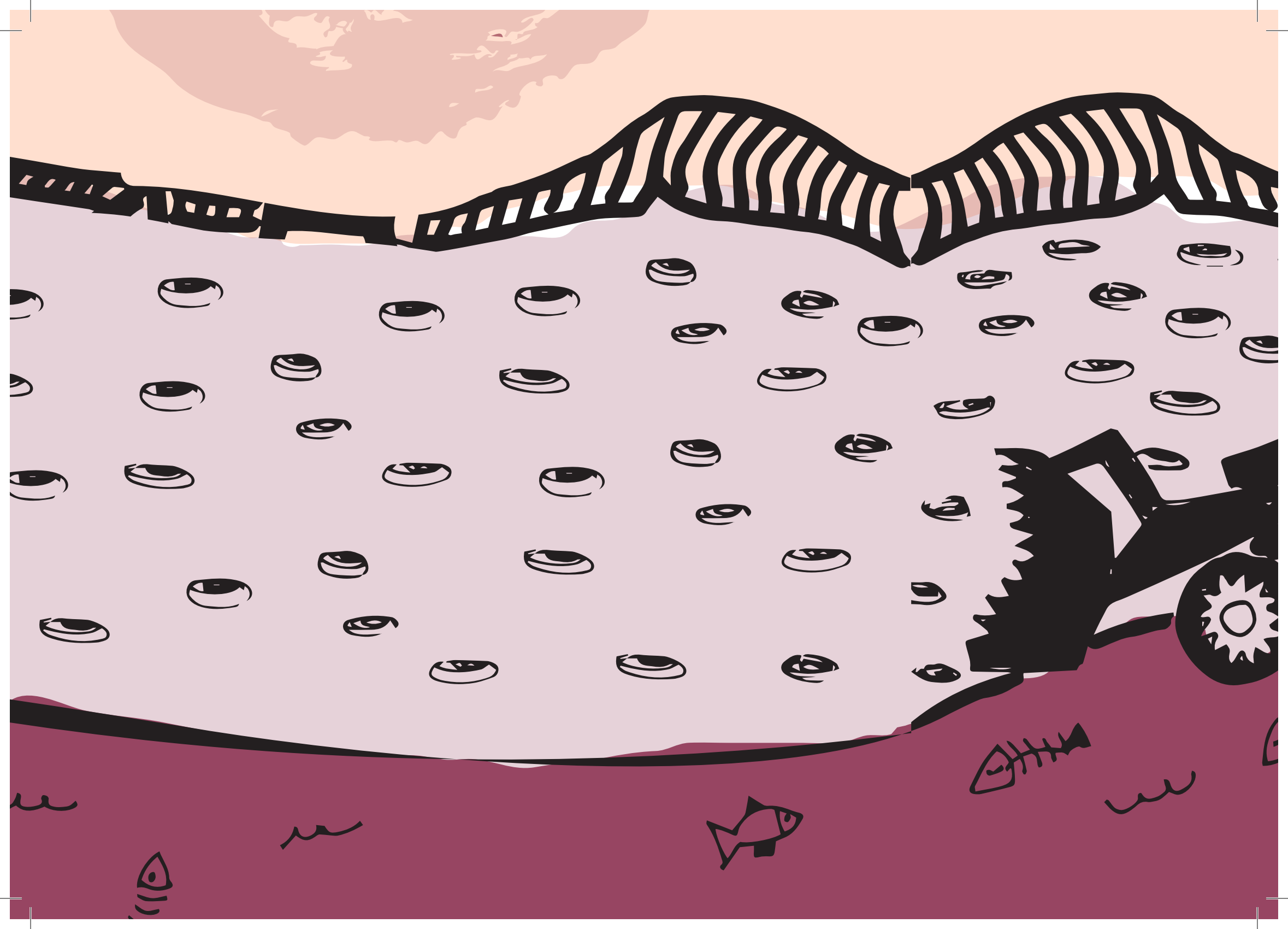
CADERNO DA EXPERIÊNCIA O BEM VIVER X A MINERAÇÃO:

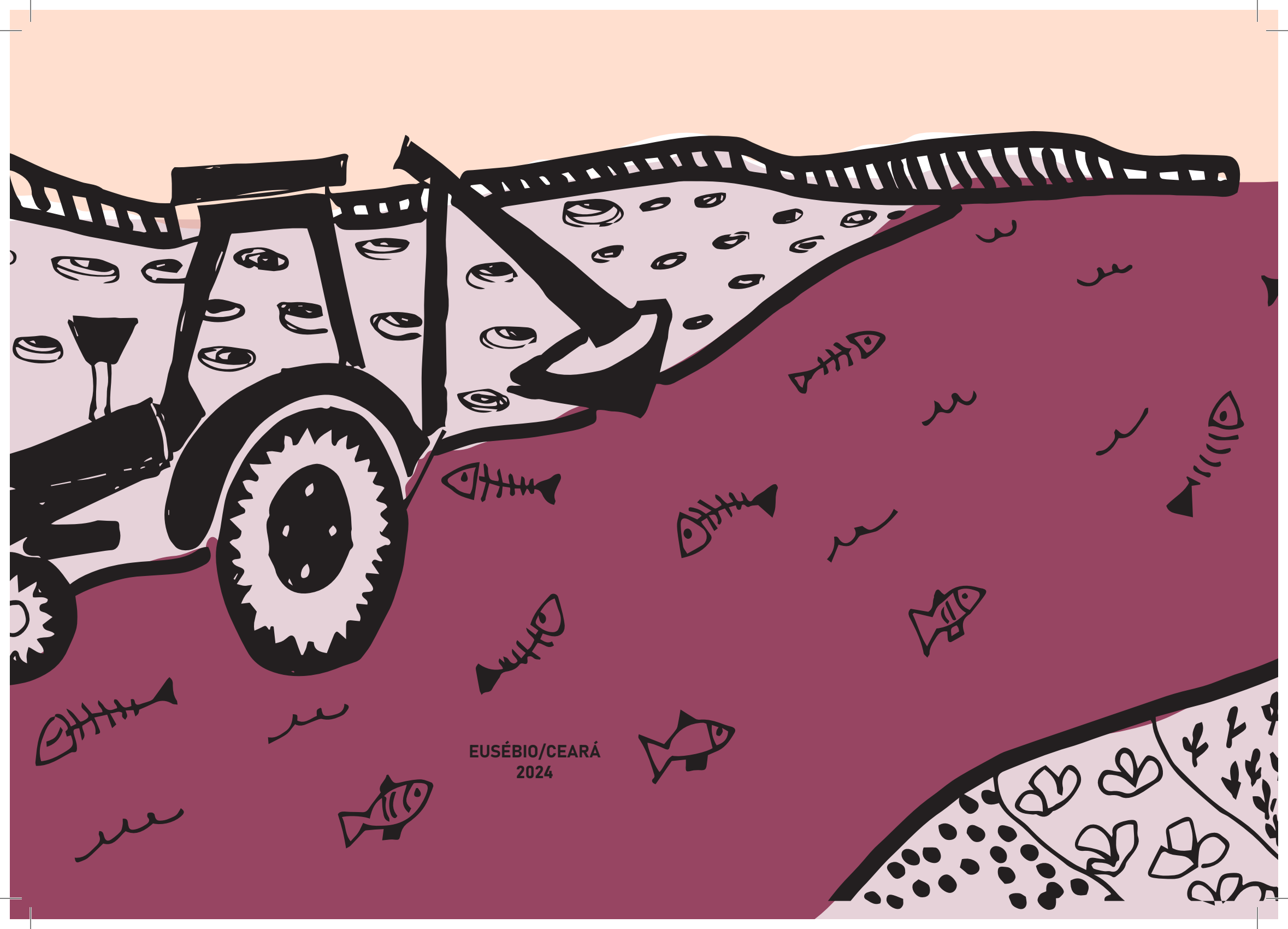
DEFESA DA TERRA, DA ÁGUA E DA PRODUÇÃO
DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS

ORGANIZADORES

Vanira Matos Pessoa, Carlos André Moura Arruda
e Maria das Graças Viana Bezerra







EUSÉBIO/CEARÁ
2024

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Oswaldo Cruz, CE, Brasil)

Caderno da Experiência O Bem Viver X A Mineração: Defesa da terra, da água e da produção de alimentos saudáveis. / Vanira Matos Pessoa, Carlos André Moura Arruda, Maria das Graças Viana Bezerra (orgs.) -- 1. ed. -- Eusébio, CE: FioCruz; SERPOVOS, 2024. -- (Coletânea Saberes, Práticas e Inovações nos Cuidados em Saúde nos Territórios; v. 6)

Vários Colaboradores.
ISBN 978-65-88540-09-1

1. Cuidados em Saúde. 2. Saúde e Ambiente 3. Educação Popular 4. Atenção Primária à Saúde 5. Sistema Único de Saúde (Brasil) I. Pessoa, Vanira Matos. II. Arruda, Carlos André Moura. III. Bezerra, Maria das Graças Viana IV. série

CDD-362.109

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde pública 362.109

Camila Victor Vitorino Holanda - Bibliotecária - CRB-3/1126





PMA
POLÍTICAS PÚBLICAS
HUMANIDADES
SAÚDE



COLETÂNEA
DE CADERNOS
SABERES, PRÁTICAS
E INOVAÇÕES
NOS CUIDADOS
EM SAÚDE NOS
TERRITÓRIOS

VOLUME 6

CADERNO DA EXPERIÊNCIA O BEM VIVER X A MINERAÇÃO:

DEFESA DA TERRA, DA ÁGUA E DA PRODUÇÃO
DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS

ORGANIZADORES

Vanira Matos Pessoa, Carlos André Moura Arruda
e Maria das Graças Viana Bezerra



FICHA TÉCNICA

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

PRESIDENTE

Mário Moreira

VICE-PRESIDÊNCIA DE PESQUISA E COLEÇÕES BIOLÓGICAS - VPPCB

Maria de Lourdes Aguiar Oliveira

PROGRAMA DE POLÍTICAS PÚBLICAS E MODELOS DE ATENÇÃO E GESTÃO À SAÚDE - REDE PMA

Isabela Soares Santos - **Coordenadora Geral**

Roberta Argento Goldstein - **Coordenadora Adjunta**

Rosane Marques de Souza - **Gerente de projetos**

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ CEARÁ

COORDENADORA GERAL

Carla Freire Celedônio Fernandes

COORDENADORA DE AMBIENTE, ATENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE - CAAPS

Vanira Matos Pessoa

COORDENAÇÃO DA PESQUISA SERPOVOS DA FIOCRUZ CEARÁ

Vanira Matos Pessoa - **Coordenadora Geral**

Fernando Ferreira Carneiro - **Coordenador Adjunto**

PARCERIAS DO PROJETO

- Associação dos Agricultores(as) Familiares do Assentamento Várzea do Mundaú - ASSAFAM;
- Associação Cristã de Base-ACB;
- Banco de Práticas e Soluções em Saúde e Ambiente-IdeiaSUS;
- Cáritas Brasileira Regional Ceará;
- Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Regional do Cariri - CCBS/URCA;
- Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador - Cerest/Ceará;
- Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e à Trabalhadora - CETRA;
- Conselho Pastoral dos Pescadores - CPP;
- Cooperativa Eita;
- Instituto Antônio Conselheiro - IAC;
- Movimento Indígena Tabajara da Serra das Matas;
- Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste - MMTR-NE;
- Movimento Potyगतapuia;

- Movimento pela Soberania Popular na Mineração - MAM;
- Movimento dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais Sem Terra - MST;
- Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde-Neepes/ENSP/Fiocruz;
- Participatório em Saúde e Ecologia de Saberes - Fiocruz Ceará;
- Programa de Pós-graduação em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (PPGSF/RENASF);
- Programa de Pós-graduação em Saúde da Família-PROFSAÚDE;
- Rede Nacional de Médicas e Médicos Populares-RMMP;
- Secretaria Municipal de Saúde do Crato-Ceará;
- Secretaria da Saúde do Estado do Ceará-SESA.

EQUIPE DE ARTE, ILUSTRAÇÃO, EDIÇÃO/REVISÃO E COMUNICAÇÃO POPULAR DO SERPOVOS

Darlan Matheus de Oliveira Martins - **Gestor ambiental, apoio técnico e administrativo**

Edson Oliveira - **cordelista**

Flora Viana Elizeu da Silva - **Cientista ambiental, apoio técnico e administrativo**

Maria Teresa Queirós dos Santos - **Psicóloga, ilustradora**

Raquel Dantas - **Jornalista, disseminadora científica**
Ray Lima - **Licenciatura em letras, cenopoeta**
Ricardo Wagner - **Arte-educador e ilustrador**
Thayná de Lima Sousa Henrique - **Enfermeira, revisora**
Vera Azevedo Dantas - **Médica, cenopoeta e revisora**

APOIO

Programa Inova Fiocruz
Edital Atenção Primária de Saúde

PLANEJAMENTO VISUAL

Mandalla Comunicação & Design

Sâmila Braga - **Projeto Gráfico e Direção de Arte**
Thalia Silva - **Editoração e Diagramação**

FIOCRUZ CEARÁ

Rua São José, s/n

CEP: 61.773-270 - Precabura, Eusébio, CE

Telefone geral: (85) 3215-6450

Site: <https://ceara.fiocruz.br/serpovos/>



AGRADECIMENTOS

À

o Movimento Anti Mineração - MAM, por terem compartilhado conosco as suas vivências e histórias de vida e luta.

À Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) - Ceará, pelo incentivo à pesquisa, ao ensino e à disseminação de conhecimentos científicos na Estratégia Saúde da Família (ESF).


Ao Programa de Políticas Públicas e Modelos de Atenção e Gestão à Saúde (Rede PMA), Disseminando Ciência em Saúde Pública, pelo compartilhamento de aprendizagem, acompanhamento, monitoramento e avaliação deste estudo.

Ao Programa Inova Fiocruz - Edital Atenção Primária de Saúde - pelo apoio ao estudo.

Aos (às) pesquisadores (as) que participaram dos debates, das etapas de pesquisa de campo e das análises contribuindo com a elaboração e formulação de novas questões e repostas a diversos problemas, que estão no bojo da ciência e das políticas públicas.

Aos movimentos sociais pela partilha de questões, de problemas e necessidades de investigação científica, que elucide e aponte novas orientações e recomendações para aperfeiçoar as práticas de saúde na ESF e disponibilizá-las para a sociedade.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Saúde do Campo, da Floresta e das Águas no contexto da Ecologia de Saberes, que ao longo de décadas de debates e reflexões estimulam o pensamento crítico, emancipatório e a ação.

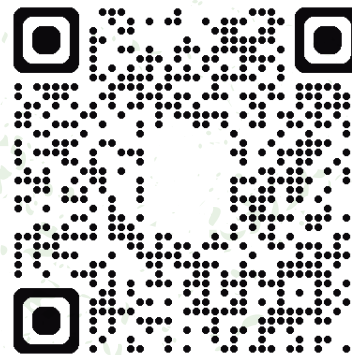


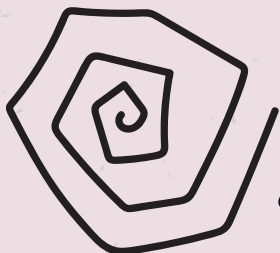
À teia de saberes e práticas em saúde reunidos no SER-POVOS, que gestou todo o processo crítico, criativo, investigativo, elucidativo e propositivo desta pesquisa-participativa, num contexto de adversidade vivenciada pela pandemia da Covid-19 e pelo governo autoritário, que estava governando a Nação.

Aos amigos e amigas, companheiros e companheiras encorajadores dos sonhos.

Aos nossos familiares, que acolheram nosso cansaço, nossas tristezas, nossas incertezas, nossas dúvidas e nos instigaram a abraçar com coragem cada novo desafio.

Saúde, cuidado e ecologia
de saberes, disponível em:





LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APS: Atenção Primária à Saúde

ESF: Estratégia Saúde da Família

FIOCRUZ: Fundação Oswaldo Cruz

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPECE: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

IEM: Indústria Extrativa Mineral

MAM: Movimento Anti Mineração

PCFA: Populações do Campo, da Floresta e das Águas

PMA: Programa de Políticas Públicas e Modelos de Atenção e Gestão à Saúde

PNH: A Política Nacional de Humanização

PIC's: Práticas Integrativas e Complementares

PIB: Produto Interno Bruto

PNAB: Política Nacional de Atenção Básica

PNSIPCFA: Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas

SUS: Sistema Único de Saúde

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFC: Universidade Federal do Ceará

UEVA: Universidade Estadual Vale do Acaraú

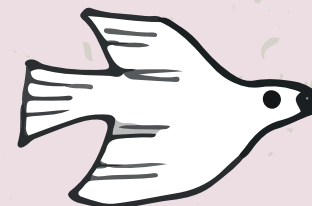
UBS: Unidades Básica de Saúde

VPPCB: Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas



LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Conversa desenhada da comunidade Bandarro	17	FIGURA 10: Momento de abertura da oficina.	44
FIGURA 2: Mapa do Ceará com destaque ao município de Quiterianópolis	22	FIGURA 11: Momento de acolhida dos participantes com música.	45
FIGURA 3: Visita ao domicílio com roda de conversa no alpendre da casa do Seu Pedro Mota, em Bandarro	32	FIGURA 12: Momento do pequeno grupo na elaboração dos painéis na atividade das estações.	52
FIGURA 4: Visita ao quintal produtivo.	33	FIGURA 13: Momento do pequeno grupo na elaboração dos painéis na atividade das estações.	53
FIGURA 5: Quintal produtivo com a agricultora em atividade.	34	FIGURA 14: Momento do pequeno grupo na elaboração dos painéis na atividade das estações.	54
FIGURA 6: Horta familiar em quintais de Bandarro.	34	FIGURA 15: Momento do pequeno grupo na elaboração dos painéis na atividade das estações.	55
FIGURA 7: Serra do Besouro em período chuvoso antes da mineração.	35	FIGURA 16: Rejeitos da mineradora de ferro sendo carregados pelo rio Poti em Quiterianópolis, Ceará.	83
FIGURA 8: Local da extração de minério de ferro.	36	FIGURA 17: Encerramento da oficina.	94
FIGURA 9: Registro fotográfico da Mina de Ferro, em Quiterianópolis, 2019	37	FIGURA 18: Vista panorâmica do território.	95

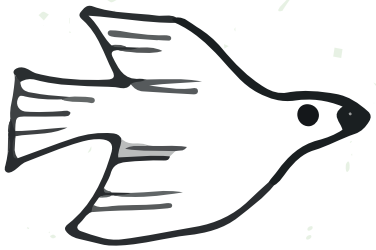




SUMÁRIO



1. APRESENTAÇÃO	14		
2. NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE QUITERIANÓPOLIS, CEARÁ	20		
3. HISTÓRICO, CONTEXTO, CONCEPÇÃO DA EXPERIÊNCIA E ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.	24		
3.1 Como aprofundamos o reconhecimento da experiência “O bem viver x a mineração: a defesa da terra, da água e da produção de alimentos saudáveis”?	30		
3.2 Quem foram os protagonistas na oficina territorial?	39		
3.3 Como foi o passo a passo da visita ao território e da oficina territorial?	46		
3.4 Quais os temas centrais e como foram abordados nesta pesquisa-ação-participativa?	50		
3.5 O que motivou a realização da experiência e quais as potencialidades deste território e comunidade?	58		
3.6 Como foi o passo a passo para a implantação e que conquistas a experiência trouxe para a comunidade?		60	
4. APRENDENDO COM A COMUNIDADE SOBRE CUIDADO EM SAÚDE, DIÁLOGO INTERCULTURAL E O FORTALECIMENTO DA COLABORAÇÃO INTERPROFISSIONAL NA ESF		64	
5. NOTAS SOBRE AS INOVAÇÕES NOS CUIDADOS EM SAÚDE DAS POPULAÇÕES DO CAMPO, DA FLORESTA E DAS ÁGUAS NA ESF.		74	
6. AÇÕES TECIDAS NA ARTESANIA DAS PRÁTICAS DE CUIDADOS EM SAÚDE DAS POPULAÇÕES DO CAMPO NA ESF.		86	
7. REFERÊNCIAS		108	
8. SOBRE OS AUTORES DO CADERNO		112	



1. APRESENTAÇÃO

Apresentamos o Volume 6 da Coletânea de Cadernos: SABERES, PRÁTICAS E INOVAÇÕES NOS CUIDADOS EM SAÚDE NOS TERRITÓRIOS, denominado de “Caderno da Experiência do Bem Viver versus a Mineração: Defesa da Terra, da Água e da Produção de Alimentos Saudáveis.”

Convidamos você para fazer uma viagem a um território chamado Bandarro, localizado no município de Quiterianópolis, Ceará, onde vivem populações do campo e onde atua uma equipe de Saúde da Família do Sistema Único de Saúde (SUS).

Este caderno compõe uma coletânea, que nasceu do esforço coletivo de investigar, integrar, apreender, sistematizar e apresentar saberes e práticas de saúde, brotadas no “interior do Ceará” como se costuma dizer. Este caderno apresenta uma experiência comunitária em territórios atingidos pela mineração e como a comunidade tem se organizado na luta por saúde de forma ampla.

A coletânea de Cadernos reúne todo o processo da pesquisa SERPOVOS, que é uma pesquisa-ação-participativa em saúde intitulada: Estratégia saúde da família: diálogos, saberes e práticas inovadoras e emancipatórias em respostas às necessidades sociais em saúde nos territórios do campo, da floresta e das águas no Ceará/Brasil, desenvolvida no período de 2020 a 2024.

Visitamos este território devido ao cadastramento da experiência significativa e inovadora chamada de “O Bem Viver versus a Mineração: Defesa da Terra, da Água e da Produção de Alimentos Saudáveis.”, no portal da pesquisa SERPOVOS (disponível em: <https://ceara.fiocruz.br/serpovos/>), realizado por um militante do Movimento pela Soberania Popular na Mineração – MAM.

Este caderno busca visibilizar as práticas de saúde coproduzidas no território se debruçando sobre a experiência, trazendo suas singularidades, particu-

laridades e possibilidades criativas e inovadoras de cuidar: damos centralidade ao cuidado de gente e da natureza, por meio do estabelecimento de relações solidárias, partilhas de conhecimentos ancestrais no processo participativo de resistência e luta.

Apresentamos as ideias, as ações e as necessidades de produção de uma ciência a serviço da vida, especialmente comprometida com a gestação de um conhecimento, que seja utilizado no cotidiano e transforme a vida para melhor diante de problemas complexos, como o tema da mineração.

Mostramos, neste caderno, as experiências vividas em um contexto de lutas e resistências sertanejas de séculos, na nascente do rio Poti no Ceará. Os saberes, as práticas de camponeses e camponesas demonstram as conexões entre o direito ao território e a água como centrais na garantia do direito à saúde.

Evidenciamos o relevante papel da comunidade organizada no cuidado em saúde, resgatando saberes



aprendidos e desenvolvidos nessa caminhada, trazendo possibilidades para se repensar o modelo de atenção à saúde, para atender melhor às necessidades de saúde das populações do campo, da floresta e das águas pelas equipes de saúde da família.

Convidamos os leitores a continuarem a leitura para conhecer mais as potencialidades do sertanejo e do sertão, com a citação do poeta cearense Eugênio Leandro, que traz nos seus versos toda a beleza do sertão, os desafios que se apresentam na vida dos seus habitantes e da força e fé que lhes são peculiares.

COORDENAÇÃO DA PESQUISA SERPOVOS

Oriente

*O sol daqui me orienta
Rabeca de oliveira, valsa manca
Nossa miséria é branca
Com flores na janela*

*Mirar flores na janela
É abrir o mapa de vida tão vasta
Esse caminho me arrasta
Somente o sol me orienta*

*Se existe paz contida na borrasca
O meu espanto contempla o sem fim
Um dia de chuva e de vento frio
Já é um dia bonito pra mim
A festa, o brado, a orquestra
Tá tudo preso aqui no coração
O rio passa na ponte
E os homens na contramão*

*Rio criando vertentes
Vai sem canseira forçando o destino
A festa, o brado, a orquestra
Tocando o meu desatino*

*Se tudo no mundo tem um limite
Com dinamite eu ando por aí
Se este seu mundo corre por um fio
Meu desafio é poder ver seu fim*

FIGURA 1 CONVERSA DESENHADA DA COMUNIDADE BANDARRO



Fonte: Arquivos fotográficos do Serpovos, 2022.

DESEJAMOS A VOCÊS,
BOAS REFLEXÕES E BOA
LEITURA!




E para você qual o significado do caderno? Gostaríamos que aproveitasse esse momento e compartilhasse aqui

REGISTRE AQUI!





2. NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE QUITERIANÓPOLIS, CEARÁ



niciamos a nossa viagem conhecendo um pouco da origem e história do município de Quiterianópolis, Ceará. O município foi criado em 1986 e começou como um arraial, à margem direita do riacho Correntes, um dos formadores do Itaim, afluente do rio Poti. Primitivamente recebeu a denominação de Santa Quitéria, daí a origem da denominação de Quiterianópolis. A capela local foi construída em 1853, por Quitéria de Lima, e por isso o povoado teve o nome de Santa Quitéria, através de um decreto de criação de um distrito, subordinado ao município de Independência.

No ano de 1987, foi elevado à categoria de município com a denominação de Quiterianópolis e desmembrado de Independência, e ficou com três distritos: Quiterianópolis, Algodões e São Francisco. O território se caracteriza pelo clima semiárido, está inserido na bacia hidrográfica do alto Jaguaribe e bacia dos Sertões de Crateús. Fica localizado na latitude -5.8425, longitude -40.7002 e altitude 400,5 m numa área de

1.041,832 km² e uma população de 20.213 habitantes e uma densidade demográfica de 19,40 hab/km² em 9.347, conforme Censo 2020 (IBGE, 2023).

Está inserido na Mesorregião Sertões Cearenses e microrregião do Sertão de Crateús, com distância de Fortaleza 414,9 km, tendo como principais vias de acesso a BR-020 / BR-222 / CE-176 / CE-187 / CE-351. Os municípios cearenses limítrofes são: Independência, Novo Oriente, Parambu, Tauá e o Estado do Piauí.

Possui um clima tropical quente, semiárido, com chuvas de janeiro a abril com precipitação pluviométrica (média em 2021): 390,8 mm. Apresenta relevo planalto da Ibiapaba e sertões, vegetação caatinga arbustiva aberta, carrasco, floresta caducifolia espinhosa (caatinga arbórea) e floresta subcaducifolia tropical pluvial (mata seca).

O serviço de água urbano beneficia 5.897 habitantes e não havendo oferta de esgotamento sanitário urbano.



O serviço de água rural contempla 3.867 habitantes, não havendo oferta de esgotamento sanitário em áreas rurais, dados de 2021 (IBGE, 2023).

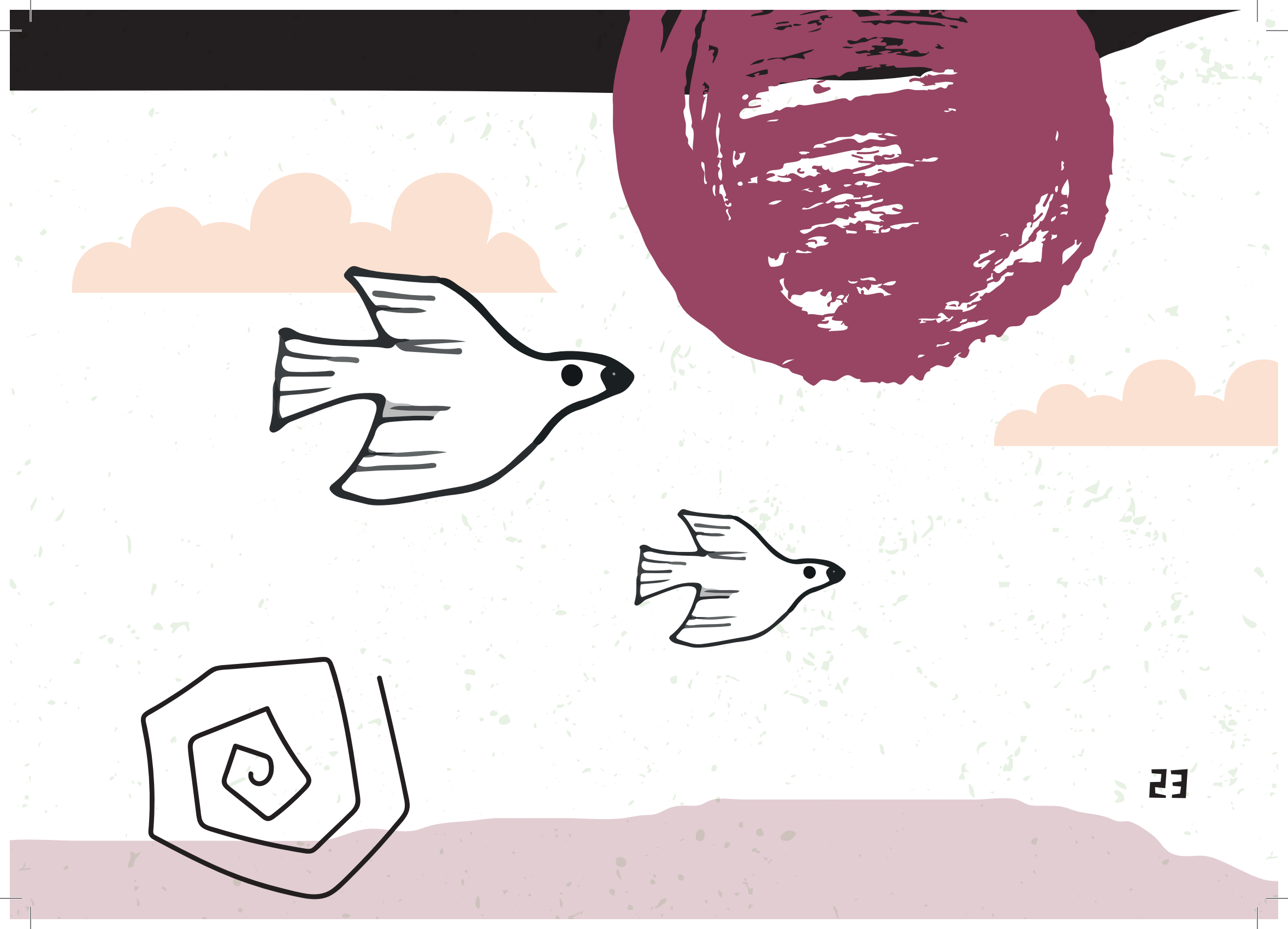
O Produto Interno Bruto (PIB) em 2020 foi de R\$162.633.000, sendo o PIB per capita R\$7.713,59. O município possui 2.714 pessoas beneficiárias da Previdência Social e 3.403 famílias beneficiárias do Bolsa Família, dados de outubro de 2021 (Anuário do Ceará, 2023).

Em relação aos serviços de saúde, tem uma cobertura de equipes de Saúde da Família de 100 % e a taxa de Mortalidade infantil 12,8 dados do ano 2021 (IBGE, 2023). No que se refere a educação, possui 23 escolas de educação infantil com 1.061 crianças matriculadas, 22 escolas de ensino fundamental com 2.441 crianças matriculadas, uma escola de ensino médio com 805 jovens matriculados, dados de 2022 (Anuário do Ceará, 2023).

FIGURA 2 - MAPA DO CEARÁ COM DESTAQUE AO MUNICÍPIO DE QUITERIANÓPOLIS.



Fonte: Cidades do meu Brasil.



**3. HISTÓRICO,
CONTEXTO, CONCEPÇÃO
DA EXPERIÊNCIA
E ASPECTOS
METODOLÓGICOS DA
PESQUISA.**



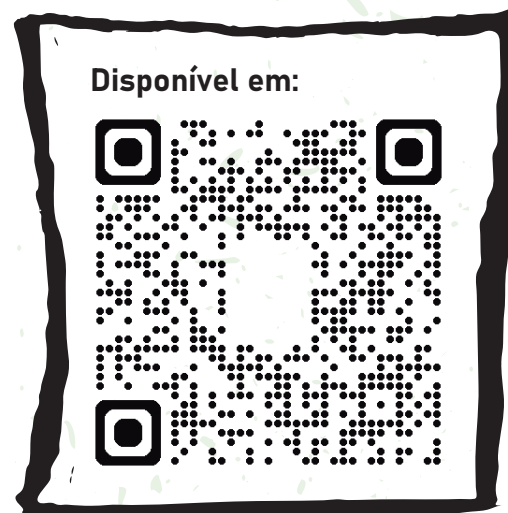
R

cebemos no portal da pesquisa SERPOVOS o cadastro da experiência “O bem viver x a mineração: a defesa da terra, da água e da produção de alimentos saudáveis”, realizado por um representante do Movimento pela Soberania Popular na Mineração, MAM, que assessora as comunidades na região. Analisamos a experiência e selecionamos para visitá-la e aprofundá-la com os seus protagonistas.

A experiência apresentada tem como tema central a defesa da saúde e ambiente, a resistência e o enfrentamento à mineração das três comunidades, a saber: Monteiro, Bandarro e Besouro, que formam o território camponês afetado e/ou atingido por uma mineradora de ferro desde o ano de 2010.

As comunidades estão situadas no Sertão dos Inhamuns, município de Quiterianópolis, que tem clima exclusivamente semiárido com baixa média de chuvas, sendo considerada umas das regiões com menor precipitação do estado do Ceará. Dessa forma, a história das comunidades está vinculada ao fenômeno de grandes estiagens (secas) que desafiam a vida dos camponeses/as e também os mobilizam a luta pela água.

A grande vantagem de viver neste território é ter o Rio Poti, já que nas suas vertentes (aluviões) tem água em abundância para beber, para usos diversos das famílias e para a agropecuária.



Atualmente, as três comunidades possuem aproximadamente 350 famílias camponesas, que vivem encravadas no vale do Rio Poti. Estas comunidades, ao longo do tempo, produzem alimentos nas terras férteis que margeiam o rio e disso tiram o sustento das famílias. Por isso, a história das comunidades camponesas, que são populações do campo, como agricultores, agricultoras, trabalhadoras e trabalhadores rurais, não pode ser contada sem fazer ligação direta com as águas do rio, que regam os solos e seus modos de vida.

Localizadas no vale do rio Poti, as comunidades de Monteiro, Besouro e Bandarro tem seus modos de vida ligados a esse ecossistema. Sempre foi comum no processo histórico de ocupação da região a procura por terras próximas aos rios e aos riachos pela capacidade de oferecer segurança hídrica em períodos de seca, terras com boa capacidade para plantio de alimentos e para criação de gado (Silva, 2020).

Desse modo o rio Poti, que se constitui como elemento fundamental no modo de vida dessas comunidades, tem sua nascente em Quiterianópolis e devido sua extensão, que abrange os estados do Ceará e Piauí é considerado um rio federal. Com nascente no Ceará e foz no estado do Piauí sua bacia hidrográfica possui uma área de 52. 370 km² e percorre 24 municípios dos dois estados (Silva, 2020).

Atualmente há 86 famílias residentes em Bandarro e 160 na comunidade de Besouro. Quanto à economia local, os

moradores citam a criação de animais e a agricultura camponesa como as principais fontes de renda (Silva, 2020).

É nas terras férteis nas proximidades do rio Poti que as comunidades têm desenvolvido a agricultura familiar com culturas diversificadas, tais como o: quintal produtivo visitado na comunidade de Monteiro, que dentre a diversidade de cultivos encontrados podemos citar: feijão, milho, macaxeira, mamão, seriguela, cheiro-verde e muitas outras.

A prática da agricultura assim como a criação de animais está presente nas comunidades desde a sua chegada no local e tem se perpetuado até hoje, se constituindo como principal fonte de renda e garantindo alimento para as famílias (Silva, 2020).

Qualquer diálogo relacionado aos aspectos culturais, econômicos, políticos, produtivos, espirituais, ambientais, festivos, entre outros, o rio aparece como elemento transversal na vida dos camponeses. Os próprios caminhos entre as casas dos camponeses margeiam ou atravessam as vertentes do rio Poti, entrelaçando o quintal das casas com os caminhos, que chegam até os pomares e roçados dos camponeses.

Assim, os modos de vida dos camponeses são interligados com a forma de produzir a vida. “Morar na beira do rio” tem ligação direta com a fertilidade da terra e o acesso à água, que é a base da economia camponesa capaz de suprir a necessidade alimentar do território.

Ao mesmo tempo, que se compreende a água e as terras férteis próximas ao rio como imprescindíveis para o bem-viver das comunidades.

A combinação entre agricultura e pecuária é muito forte até hoje. Os animais, para além de fazer parte da alimentação dos camponeses, funcionam como a conta poupança, que está para acudir nos momentos difíceis em que precisam de dinheiro. Nesse sentido, a agricultura e a pecuária constituem-se como a principal fonte de renda das comunidades, mesmo tendo aparecido outros vínculos de renda tais como, os programas sociais, as aposentadorias, dentre outros.

Os camponeses produzem uma diversidade de culturas nos quintais produtivos, pomares e roçados (legumes, frutas, verduras, tubérculos) e criam animais (bovinos, caprinos, ovinos, aves, suínos). Portanto, os principais potenciais do território estão relacionados aos bens comuns, o rio, a água e a fertilidade da terra que se vinculam aos modos de reprodução da vida.

A organização do povo, a associação, a comunidade eclesial, os grupos de jovens etc., também podem ser considerados um grande potencial, sobretudo para enfrentar os grandes empreendimentos poluidores, como tem sido a atividade de mineração na região.

O território camponês tem tradição de uso de práticas tradicionais de cuidados em saúde, como fazer uso das plantas da Caatinga para a cura de enfermidades, bem



como de rezas, para também curar doenças. O modo de alimentar-se pode ser um grande trunfo para se ter saúde de qualidade, visto que não falta feijão, milho, gordura de porco, frutas, legumes, carne fresca, entre outros alimentos produzidos pelas famílias. Atualmente, mesmo tendo a possibilidade de ter como acessar produtos industrializados, ainda predomina a alimentação com base na produção local.

Os principais problemas do território estão relacionados ao início das atividades de mineração de ferro, que já ultrapassa 10 anos. Os impactos da mineração se alastraram sobre os modos de vida das comunidades e os ameaçam até hoje. O Rio Poti, a terra, a água, o ar, a produção agrícola, os animais e a saúde humana foram afetados drasticamente pela indústria da mineração, que declarou através dos seus atos ser inimiga do território camponês, quando não reconheceu atingi-los tanto no modo de vida, quanto na sua saúde, pela sua atuação mineral.

Ressaltamos os impactos da mineração sobre a deformação morfológica da paisagem devido o desmatamento e escavação do solo e subsolo em plena Caatinga. Todo esse processo combinado com a poeira (partículas fugitivas) que saía das entranhas da mineradora e pintava o ar de cor cinza anunciando conflito, adoecimento e morte. Destacamos os impactos da mineração ao assoreamento do Rio Poti, a contaminação e diminuição da água, a contaminação da produção agrícola e o adoecimento das famílias, da fauna e da flora.

As transformações territoriais trazidas pela atividade mineradora afetam diretamente a reprodução da vida no campo e estão diretamente interligados e, sem os camponeses, o território simplesmente tende a permanecer em ruínas.

As comunidades que tinham um modo de vida numa relação harmoniosa com o rio, iniciaram um processo de resistência para preservar seu território e suas vidas. A experiência de resistência em relação a mineração de ferro teve e tem como principal objetivo não deixar o território ser destruído pelo capital mineral. O rio, a terra, a água, a saúde humana e ambiental precisavam e continuam sendo defendidas com toda força pelas comunidades locais. Essa força se transformou em um conflito socioambiental entre os camponeses e a mineradora Globest, o primeiro defendendo a continuidade dos seus modos de vida e a segunda defendendo saquear o território para obter lucros.

Caixa de TextoAs famílias camponesas das três comunidades (associações, grupos organizados etc.), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quiterianópolis, a Paróquia de Quiterianópolis, o Movimento pela Soberania Popular na Mineração - MAM, o Escritório de Direitos humanos Frei Tito de Alencar, os grupos de pesquisas, a Área Pastoral Sul, a Comissão Pastoral da Terra, a Colônia de pescadores de Novo Oriente, a Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA) participam dessa experiência de resistência em defesa da vida.

E na sua comunidade, território ou município tem alguma experiência comunitária de organização popular e de resistência?

REGISTRE AQUI!



3.1 COMO APROFUNDAMOS O RECONHECIMENTO DA EXPERIÊNCIA "O BEM VIVER X A MINERAÇÃO: A DEFESA DA TERRA, DA ÁGUA E

DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS"?

Realizamos uma visita ao território e uma oficina territorial participativa e colaborativa durante dois dias na localidade de Bandarro, Quiterianópolis/CE. A Oficina Territorial ocorreu em dois momentos: a) visita ao território e b) oficina territorial. A seguir o detalhamento de cada momento no território.

● **a) Visita ao Território** - O grupo de pesquisadores da FIOCRUZ se reuniu com Erivan Silva, militante do MAM e profundo conhecedor da realidade da região e lideranças da comunidade. Os objetivos desta visita e os diálogos iniciais visavam conhecer melhor a experiência, seu contexto histórico, o território, os modos de vida e o acesso à saúde daquela população rural. A visita aconteceu ao longo no dia

três de novembro de 2022, e a primeira parada foi na comunidade de Bandarro, na casa de seu Pedro Mota. Reunidos no alpendre, a equipe ouviu Pedro e Erivan narrarem como a empresa havia chegado sem aviso e dado início a uma série de transtornos para a população local. As máquinas levantaram poeira e provocaram rachaduras nas casas; os resíduos da extração de ferro poluíram o ar, a água e a produção de alimentos, causando doenças respiratórias e de pele. Do alpendre de Pedro, a equipe foi guiada pelo território para conhecer outros moradores, suas casas e quintais produtivos. Na comunidade de Monteiro, o grupo visitou dona Verônica Gomes. Sua casa fica às margens do Poti, e em seu quintal produtivo há uma produção diversificada. Junto com o marido e o filho, ela planta cheiro-verde, feijão, milho, batata, macaxeira, pimenta, mamão, seriguela, caju, manga e muito mais. A seguir podemos ver diversas fotografias mostrando os momentos, as pessoas, as paisagens e os cultivos de moradores do território.



FIGURA 3 - VISITA AO DOMICÍLIO COM RODA DE CONVERSA NO ALPENDRE DA CASA DO SEU PEDRO MOTA, EM BANDARRO.



FIGURA 4 VISITA AO QUINTAL PRODUTIVO.



Fonte das
figuras 3 e
4: Arquivos
fotográficos
da pesquisa
Serpovos,
2022.

FIGURA 5 QUINTAL PRODUTIVO COM A AGRICULTORA EM ATIVIDADE.



FIGURA 6 ORTA FAMILIAR EM QUINTAIS DE BANDARRO.



Fonte das figuras 5 e 6: Arquivos fotográficos da pesquisa Serpovos, 2022.

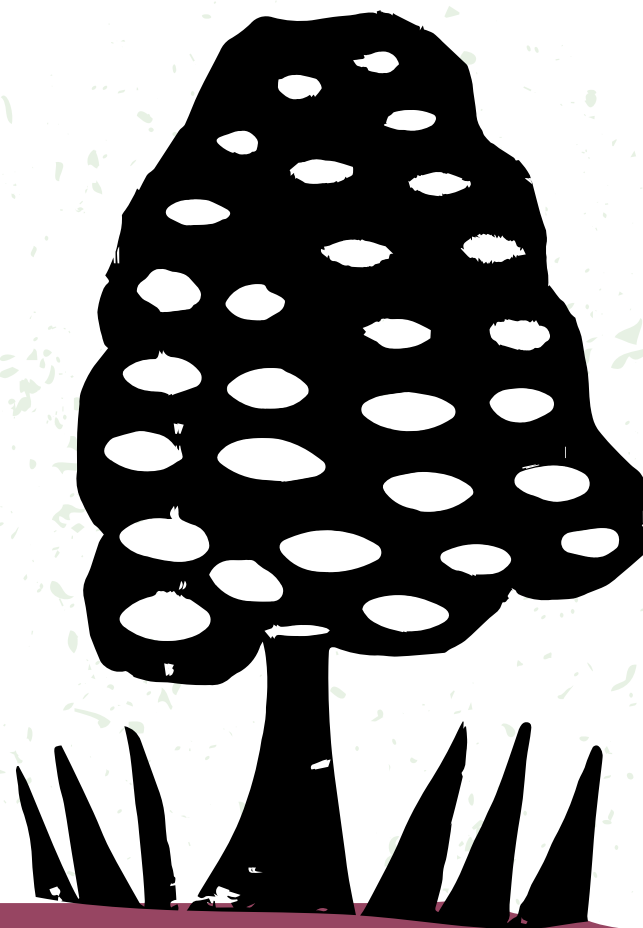


FIGURA 7 SERRA DO BESOURO EM PERÍODO CHUVOSO ANTES DA MINERAÇÃO.



Fonte: Arquivos fotográficos da pesquisa, 2022.

No percurso pelas comunidades foi possível avistar à distância o local da extração de minério de ferro. Uma grande estrutura fincada na Serra do Besouro; antes coberta pela mata verde, hoje cor marrom de terra à mostra, devastada.



● b) **Oficina Territorial** - À tarde, na igreja de Bandarro, a equipe se encontrou com agricultoras, agricultores, lideranças comunitárias, integrantes das associações de moradores e de movimentos e organizações parceiras para a realização da oficina territorial da pesquisa-ação. Paulo Freire alerta que o conhecimento exige uma presença curiosa em relação ao mundo e requer uma ação transformadora sobre a realidade, implicando em invenção e em reinvenção (Freire, 2015). Partimos dos ensinamentos de Paulo Freire e consideramos que os nossos modos de viver, de trabalhar e de estabelecer relações com o outro produzem nossos modos de sentir, falar, agir e estar na vida, no trabalho e nas relações. Desenvolvemos, a partir dos ensinamentos de Paulo Freire a oficina territorial com diversos momentos didáticos-pedagógicos com vistas a ampliação e ressignificação do conhecimento relacionada à experiência socioafetiva e política que a pessoa vive. Planejamos e organizamos o desenvolvimento da oficina com centralidade no: *envolvimento dos participantes, na participação, na colaboração mútua, no diálogo, na amorosidade e na problematização*. Acreditamos que estes aspectos possibilitaram a produção de um conhecimento significativo para as pessoas em consonância as suas necessidades.

FIGURA 8 - LOCAL DA EXTRAÇÃO DE MINÉRIO DE FERRO.



FIGURA 9 – REGISTRO FOTOGRÁFICO DA MINA DE FERRO, EM QUI-
TERIANÓPOLIS, 2019



Fonte das figuras 8 e 9: Arquivos fotográficos da pesquisa Serpovos, 2022.

E você, o que pensa sobre participação,
pesquisa e ciência?

REGISTRE AQUI!

3.2 QUEM FORAM OS PROTAGONISTAS NA OFICINA TERRITORIAL?

Apresentamos um pouco dos participantes em dados numéricos, conforme está detalhado na tabela 1. A Oficina contou com a participação de 17 pessoas, dentre elas lideranças comunitárias de distintos equipamentos sociais e da comunidade. A maior parte dos participantes trabalhava na agricultura familiar (41,6%) e no serviço público (23,5%). A participação da oficina foi equilibrada entre homens e mulheres, com discreto predomínio dos homens, com 52,9%.



Os participantes foram majoritariamente adultos jovens e idosos, com 76,5% na faixa etária entre 36 e 69 anos, com predomínio do nível de escolaridade com ensino fundamental incompleto (35,3%), ainda que existissem participantes com nível superior completo (23,5%). Destes últimos, a formação de nível superior era pedagogia, direito e licenciatura em química. No que tange à formação acadêmica e/ou profissional, 64,7% não possuem formação. Um dos participantes referiu a formação técnica em Enfermagem (5,9%).



TABELA 1 - PERFIL DOS PARTICIPANTES DA OFICINA TERRITORIAL DA EXPERIÊNCIA DO BEM VIVER X MINERAÇÃO, QUITERIANÓPOLIS, CEARÁ, 2022.

CARACTERÍSTICAS	N (17)	% (100)
Sexo		
Feminino	7	41,1
Masculino	9	53,0
Não respondeu	1	5,8

CARACTERÍSTICAS	N (17)	% (100)
Faixa etária (em anos)		
25 a 35	3	17,6
36 a 56	7	41,1
57 a 69	6	35,2
Não respondeu	1	5,8
Escolaridade		
Ensino Fundamental Incompleto	6	35,2
Ensino Fundamental Completo	2	11,8
Ensino Médio Completo	2	11,8
Superior Completo	4	23,5

CARACTERÍSTICAS	N (17)	% (100)
Sem Escolaridade	2	11,8
Não respondeu	1	5,8
Estado Civil		
Sem companheiro	8	47,0
Com companheiro	8	47,0
Não respondeu	1	5,9
Local de trabalho		
Agricultura Familiar	7	41,2
Empresa Privada	1	5,9

CARACTERÍSTICAS	N (17)	% (100)
Serviço Público	4	23,5
Não respondeu	5	29,4
TOTAL	17	100

Fonte: banco de dados da pesquisa, 2022.

LEGENDA: N - NÚMERO ABSOLUTO DO TOTAL DE RESPONDENTES; (%) - FREQUÊNCIA SIMPLES;

As imagens a seguir são registros fotográficos de momentos da oficina e demonstram a dedicação e o envolvimento dos participantes, que se esforçaram para expressar em múltiplas linguagens seus saberes, suas práticas e suas vivências.

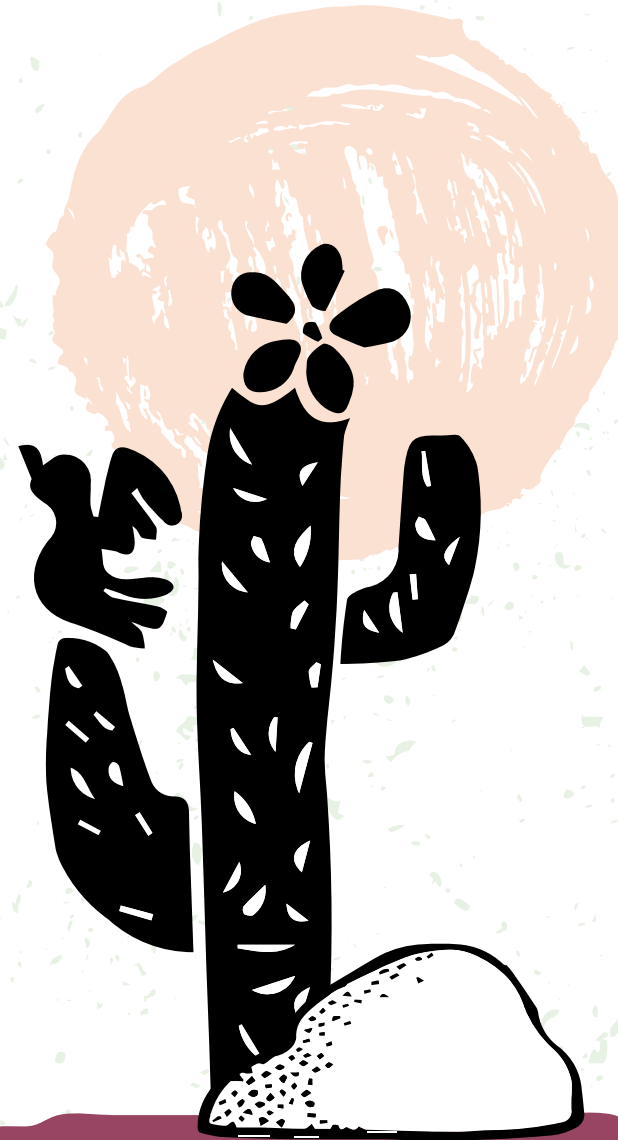


FIGURA 10 - MOMENTO DE ABERTURA DA OFICINA.



**Fonte das figuras
10 e 11:** Arquivos
fotográficos
da pesquisa
Serpovos, 2022.

FIGURA 11 - MOMENTO DE ACOLHIDA DOS PARTICIPANTES COM MÚSICA



3.3 COMO FOI O PASSO A PASSO DA VISITA AO TERRITÓRIO E DA OFICINA TERRITORIAL?

☛ **a) A articulação, mobilização e organização da visita ao território** - Este processo foi realizado via WhatsApp com troca de diálogos com o Erivan militante do MAM, que junto com a comunidade cadastrou a experiência no site Serpovos. Elaboramos conjuntamente o roteiro

da visita, a programação e os objetivos da atividade no território. A Oficina ocorreu em dois momentos, sendo o primeiro a visita ao território. Os objetivos desta visita e os diálogos iniciais foram para conhecer melhor a experiência, seu contexto histórico, o território, os modos de vida e o acesso à saúde daquela população. Esse processo aconteceu no segundo semestre de 2022, por conta da pandemia da Covi-19, que só permitiu o deslocamento da equipe após um ano do recebimento do cadastro.

☛ **b) Momento de partilha de saberes** - adotamos o formato de círculo e conduzimos uma roda de apresentação dos participantes. Distribuímos pastas com os diversos formulários da pesquisa e apresentamos a programação das atividades, os objetivos e a importância deste momento. Discutimos sobre os aspectos éticos na pesquisa, orientamos o preenchimento dos: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Imagem e Som; Além destes termos utilizamos diversas técnicas de produção de dados com a intencionalidade de garantir uma escuta ampliada, sendo preenchidos: 1) uma ficha de identificação individual dos participantes; 2) um formulário dos parâmetros de atribuições comuns das equipes da Estratégia Saúde da Família definidos na Política Nacional de Atenção Básica; 3) um formulário

de parâmetros de inovação relacionados ao cuidado em saúde; 4) a escrita de uma carta por cada participante; e 5) a roda de conversa, mediada pela dinâmica das estações, que oportunizou a problematização, produziu os painéis, os desenhos e as reflexões. Estes instrumentos estão melhor apresentados no caderno 1 desta coletânea. Neste caderno apresentamos os aprendizados resultantes dos itens 5, 4 e 3.

● **c) Momento de propor ações** – após a discussão e apresentação dos desenhos produzidos pelo grupo, deu-se início às problematizações finais a partir de duas perguntas: 1) “Como as Instituições de Ensino e Pesquisa podem contribuir para que essas experiências sejam implantadas noutros territórios?” e 2) “Como envolver os entes federados na replicação/socialização de experiências significativas para inovar os cuidados em saúde nos territórios?”.

● **d) Momento de sentir-pensar sobre o vivido** - Finalizamos as atividades, com mais uma pergunta sobre o que levaríamos conosco deste encontro que gostaríamos de compartilhar?

Ao longo das próximas páginas deste caderno os leitores e as leitoras encontrarão estes momentos descritos.



O que você acha que faltou nesta metodologia?

REGISTRE AQUI!

E você já participou de uma pesquisa?
Quais os passos que você mais gostou?

REGISTRE AQUI!

3.4 QUAIS OS TEMAS CENTRAIS E COMO FORAM ABORDADOS NESTA PESQUISA-AÇÃO PARTICIPATIVA?

São temas centrais: **experiência significativa de cuidado em saúde, colaboração interprofissional, diálogo intercultural, ações e estratégias das equipes e comunidades para abordar as necessidades de saúde no território e inovações no cuidado em saúde nos territórios protagonizadas por comunidades e ou profissionais de saúde.**

Abordamos estes temas: “cuidado em saúde”, “trabalho em equipe”, “necessidades em saúde” e “diálogos interculturais” com uma atividade intitulada de “*Estações das Inovações em Saúde da Família*”. Utilizamos a simbologia da estação, como: “parada em algum lugar”; “estada”; “ponto de parada entre lugares”; “ciclos”, “mudanças”, dentre outras simbologias denotativas ou não sobre o que permeia o verbete “estação”.

Escrevemos as perguntas orientadoras das estações num painel, fixado na parede, tendo-se quatro painéis, com os seguintes questionamentos:

- **1ª Estação:** Quais as características e o que seria **uma experiência significativa de cuidado em saúde?**
- **2ª Estação:** De que forma essa experiência contribuiu para o fortalecimento e **colaboração interprofissional** da equipe de Saúde da Família?
- **3ª Estação:** Quais as **ações e estratégias** realizadas pela equipe de Saúde da Família para solucionar/amenizar as **necessidades sociais de saúde** das famílias e pessoas deste território?
- **4ª Estação:** De que forma ocorre o **diálogo intercultural** entre os profissionais de saúde, trabalhadores da saúde e usuários?

E você como responderia
as questões acima?

REGISTRE AQUI!



Percorremos as quatro estações, em pequenos grupos organizados e conduzidos, à próxima estação, ao som das palmas do facilitador. À medida que se ouvia o som das palmas, se caminhava para a estação seguinte. Líamos, em cada estação, o que o grupo anterior escreveu e acrescentávamos alguma informação e partíamos para a próxima estação de forma circular visitando todas.

FIGURA 12 - MOMENTO DO PEQUENO GRUPO NA ELABORAÇÃO DOS PAINÉIS NA ATIVIDADE DAS ESTAÇÕES



Fontes das figuras 12 e 13: Arquivos fotográficos da pesquisa Serpovos, 2022

FIGURA 13 - MOMENTO DO PEQUENO GRUPO NA ELABORAÇÃO DOS PAINÉIS NA ATIVIDADE DAS ESTAÇÕES



FIGURA 14 - MOMENTO DO PEQUENO GRUPO NA ELABORAÇÃO DOS PAINÉIS NA ATIVIDADE DAS ESTAÇÕES

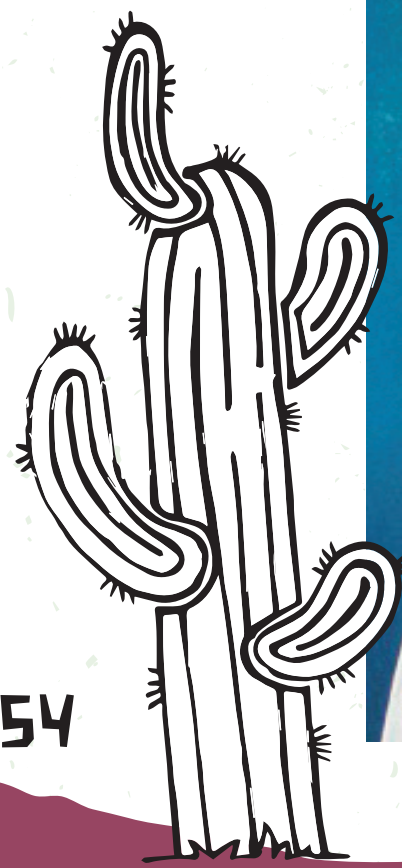


FIGURA 15 - MOMENTO DO PEQUENO GRUPO NA ELABORAÇÃO DOS PAINÉIS NA ATIVIDADE DAS ESTAÇÕES



Fontes das
figuras 14 e
15: Arquivos
fotográficos
da pesquisa
Serpovos,
2022.

Buscamos um diálogo crítico-reflexivo na produção das informações na pesquisa, estimulando uma postura transformadora das nossas próprias práticas, tendo como base a problematização freiriana.

Convidamos, após a construção dos painéis das estações, os participantes para expressar por meio de arte visual no formato de desenho sobre o que foi descrito em cada uma das estações. Esta releitura dos painéis estimulava outra forma de expressão, para além da linguagem escrita, como também, buscava sínteses reflexivas e simbólicas.

Em pequenos grupos os participantes conceberam seus desenhos, e por conseguinte em uma roda de conversa com todos e todas, seguimos com uma nova problematização do que foi a feita/ construção da arte visual. Cada grupo apresentou o processo e o resultado da elaboração do seu desenho, para todos e todas, destacando como pontos importantes: as descrições contidas no painel das estações, as perguntas, a construção coletiva e participativa, representando em símbolos os conceitos discutidos nos pequenos grupos. Neste momento houve muita interação entre os participantes, sendo um momento de aproximadamente, quatro horas de atividades coletivas.

Concebemos uma produção coletiva de forma compartilhada e colaborativa num processo constituído na problematização entre os sujeitos e com os sujeitos.

No processo de fazer perguntas com e sobre uma determinada realidade e temática, construímos e reconstruímos as ideias e ideais, pensamentos e ampliamos a capacidade de sermos mais. Sobre esse processo Freire (2015), assinala que o diálogo e a problematização não adormecem a ninguém, que são mecanismos que nos conscientizam. O autor reforça que é na dialogicidade, na problematização, que o educador-educando e educando-educador desenvolvem uma postura crítica, da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação.

Compreendemo-nos como seres em constante construção e inacabados. Refletimos neste processo de pesquisa-ação-participativa, que sendo o mundo humano, um mundo de comunicação (tecido por diálogos), a problematização, portanto se faz e se elabora a partir da história vivenciada.

Neste processo, após a roda de conversa, os participantes foram convidados a escrever uma carta. Pedimos que nesta carta escrevessem a um amigo, ou a uma amiga, suas percepções sobre: o que seria uma equipe de saúde, ou uma saúde inovadora na ESF? As cartas foram escritas por 8 participantes, dos 17 presentes.



Liste aqui o que aprendeu
e as dúvidas!

REGISTRE AQUI!



3.5 O QUE MOTIVOU A REALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA E QUAIS AS POTENCIALIDADES DESTE TERRITÓRIO E COMUNIDADE?

A experiência teve como motivação inicial responder os seguintes **problemas**:

☛ a) O Território estava em contexto de conflito. O conflito teve início desde quando em 2011 as famílias camponesas detectaram os primeiros impactos da mineração através da grande quantidade de poeira que sobrevoava as residências.

☛ b) Tal poeira caía sobre as plantações e muitas vieram a morrer. Os animais também sofreram e muitos vieram a óbito. O mais grave é que muitas pessoas começaram a ficar doentes com doenças respiratórias e dermatológicas e, segundo os relatos dos camponeses, pessoas que já eram doentes de asma pioraram e vieram a falecer.

As potencialidades da comunidade passam pela organização comunitária, que impulsionou a população residente a denunciar os impactos e a partir desse momento começou o conflito entre a mineradora e as famílias camponesas. O conflito teve diversas idas e vindas com ameaças da mineradora às lideranças comunitárias, principalmente, os desqualificando, enquanto pessoas sem conhecimento, até deixar de cumprir condicionantes ambientais.

Destacamos a força do povo camponês e seus processos diversificados de produção de alimentos, bem como sua luta contra a mineração, que ameaça os seus

modos de vida relacionado aos bens comuns. Vimos o quintal produtivo de uma família com galinhas, porcos, verduras, ovos etc., como também a beira do Rio Poti, uma horta com produção diversificada. É aí que reside a potência do povo local, neste modo de vida, que os fez também capazes de lutar.

No território, a presença das políticas sociais se refere a presença da escola, e portanto, o acesso à educação. Existem as escolas que independente da qualidade da sua atuação, não poderiam deixar de existir. Outras políticas relacionadas a assistência social, meio ambiente e agricultura são praticamente inexistentes, segundo o relato dos participantes da oficina.



3.6 COMO FOI O PASSO A PASSO PARA A IMPLANTAÇÃO E QUE CONQUISTAS A EXPERIÊNCIA TROUXE PARA A COMUNIDADE?

A metodologia utilizada foi sempre de construção coletiva entre atores internos e externos. Nada foi planejado sem ter o aval ou a participação das comunidades. As ações planejadas sempre dão resposta ou se antecipam aos ataques da mineradora e estão descritas a seguir:

1. Reuniões no Território: foram e continuam acontecendo diversas reuniões com as famílias camponesas para refletir e planejar ações de enfrentamento a mineração;
2. Rodas de conversas: essa ferramenta foi bastante utilizada para trocar ideias e construir táticas organizativas;
3. Visitas: o território tanto recebeu visitas de diversas organizações como também visitou outros territórios para contar sobre os impactos sofridos pela mineração;
4. Materiais utilizados: documentários, fotografias, gravuras, projeção;
5. Cartografia Social (mapa social): foi construída em quatro oficinas com a participação de professores, camponeses, estudantes, mulheres - que demonstraram os potenciais existentes e os problemas causados pela mineração;

6. Assembleia Popular da Mineração: foi uma das atividades, que reuniu mais participantes no território, totalizando 100 pessoas e, conseguiu travar um diálogo entre a mineradora, as famílias e as organizações parceiras;

7. Intercâmbios: Foram momentos em que pessoas do território participaram de atividades em outros territórios ou vice-versa;

8. Audiências Públicas: foram momentos articulados pelo território e todas as organizações que fazem parte da luta contra a mineração. Foram diversos encontros com focos na formação, organização, articulação e mobilização do território e de parceiros. A duração dos encontros dependia sempre do seu objetivo, mas em sua maioria foram de um turno ou dois.

Como a maior potência dessa experiência, é levantar-se em defesa da vida, considerando a valorização do território pelo grupo, bem como a organização social e política local para dizer não a mineração e defender os seus modos de vida. Iniciaram, com esse intuito a



mobilização de vários parceiros e aliados externos, que somaram e continuam somando com luta contra a mineração e em defesa dos bens comuns.

Avançaram na compreensão do que de fato significa o capital mineral, quando invade e saqueia um território. E a convicção de que a principal conquista, foi quando o território conseguiu comprovar os diversos impactos e crimes socioambientais, pressionou os órgãos ambientais do Estado e, embargou a extração e beneficiamento de minério de ferro, desde dezembro de 2017.

Surgiram protagonismos importantes no decorrer do processo de luta e resistência da comunidade na defesa do seu modo de vida camponês. Destacamos o papel da juventude, das mulheres e dos idosos.

A juventude está organizada na Pastoral da Juventude Rural, que sempre mobilizou a juventude para estar presente nas ações e que ficaram responsáveis por muitas tarefas de articulação localmente.

As mulheres foram protagonistas, mesmo não existindo uma organização específica de mulheres no território, elas sempre se fizeram presentes nas diversas atividades realizadas. As mulheres sempre refletiram que são as que mais sofreram e sofrem com a atividade mineral. Devido ao patriarcado ainda ser muito forte em suas vidas, elas que se preocupam mais com as doenças e com as atividades laborais da casa da qual a poeira da mineração

deixava tudo sujo. O entusiasmo das mulheres sempre foi uma potência para a continuidade da luta.

Os idosos representam boa parte ou a maioria da população mais ativa na luta contra a mineração. Esses, se preocupam mais em perder seus pequenos pedaços de terras e suas produções para os impactos e crimes ambientais.

A luta hoje continua para o fechamento definitivo da mina de ferro e para que sejam reparados todos os danos, que continuam impactando os modos de vida do território. Os aprendizados e as lições que a comunidade já incorporou são: - Que a narrativa da mineração sobre o progresso e desenvolvimento é uma falácia; - Que o Estado faz vista grossa no processo de licenciamento e na hora de punir os crimes da mineração; - Que só com a organização territorial e a luta se tem possibilidade de vencer a mineração - só a luta muda a vida; - Que o conflito entre o território e a mineração foi inevitável quando se percebeu que os bens comuns (a terra, a água, a saúde) estavam em risco; - E, que a vida vale mais que a mineração.





4. APRENDENDO COM A COMUNIDADE SOBRE CUIDADO EM SAÚDE, DIÁLOGO INTERCULTURAL E O FORTALECIMENTO

DA COLABORAÇÃO INTERPROFISSIONAL NA ESF



A presentamos nesta seção, os conhecimentos, saberes e práticas compartilhados e apreendidos a partir da escuta coletiva das vivências dos participantes da experiência do Bem Viver X a Mineração na oficina territorial. As reflexões sobre “as características e o que seria uma experiência significativa de cuidado em saúde” foram definidas pelos participantes como:

“ser uma luta que deseja para a população um ar limpo sem a poeira da mineração, promover a oferta de produtos sem veneno que beneficie a saúde, o cuidado com o ambiente, cuidando da água, da terra e da floresta e podermos ter uma vida sossegada, sem agressões evitando os transtornos psicológicos.”

O cuidado em saúde significativo foi realizado pelos participantes em múltiplas dimensões, porém o destaque se dá por se tratar de uma mobilização que promove saúde e fortalece a integração comunitária, suas lutas e conquistas.

A luta que parte do direito de viver no território, que é um lugar agradável, de gente amiga e que merece a defesa da natureza, evitando a poluição e por uma vida com boa qualidade. O que resulta dessa mobilização e luta, principalmente, é a compreensão do que se quer atingir para viver bem, lutando pela sobrevivência e evitando o aumento de doenças. O processo vivido trouxe a união e a compreensão do que necessitam.

Pensar no cuidado em saúde significativo é percebê-lo a partir do estabelecimento de relações intersubjetivas, de vínculos entre as pessoas, com o território, com a história, com a biodiversidade, com a diversidade de potencialidades naturais e os problemas complexos existentes com abertura para acolhê-los.

Discuta com sua equipe ou comunidade sobre Cuidados em Saúde e anote aqui:

REGISTRE AQUI!

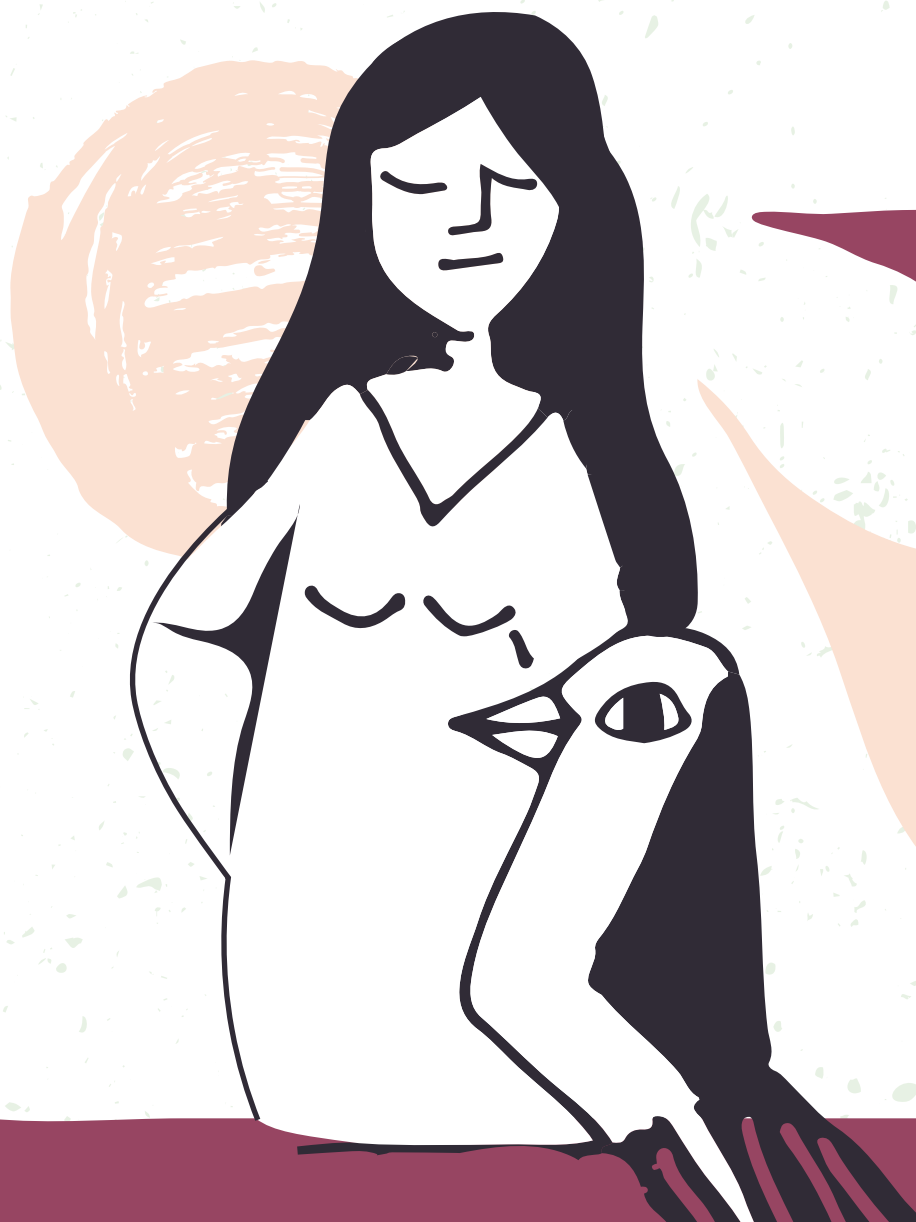
As reflexões sobre a colaboração interprofissional cada vez mais se fazem necessárias para uma atuação em territórios com múltiplos e complexos problemas como este apresentado neste caderno. Os participantes referiram que a organização comunitária em busca do bem viver contribuiu para o fortalecimento e colaboração interprofissional nas seguintes dimensões:

“Proporcionou um melhor entendimento acerca das questões relacionadas à saúde e como prevenir doenças, maior cuidado com alimentação, soberania alimentar. Afirmam que é olhar para o território além da doença. Saúde não é necessariamente ausência da doença, é ter lazer. Saúde é antes de tudo, bem-viver, garantir práticas e políticas, que assegurem esse bem-viver é cuidar e garantir saúde.”

Na dimensão dos saberes e aprendizados para avançar na colaboração interprofissional na saúde, o resgate de conhecimentos ancestrais do uso das plantas, a valorização, o respeito principalmente pelos profissionais de saúde como essenciais para o trabalho com alimentos saudáveis, pelas comunidades.



Outro aspecto que surgiu foi a comunicação que deve ser estabelecida entre os profissionais e técnicos da saúde e os usuários, destacando o conteúdo da comunicação e abordagem, como segue:



FALTA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO ENTRE A UBS E A POPULAÇÃO. FAZ-SE NECESSÁRIA UMA COMUNICAÇÃO MAIS EFETIVA. A EQUIPE PRECISA CONHECER MELHOR AS FAMÍLIAS, SEU MODO DE VIVER.

PODEMOS UTILIZAR AS FERRAMENTAS DIGITAIS, CONVERSAS VIA "WHATSAPP", VÍDEOS EM PLATAFORMAS DIGITAIS, COMUNICAÇÃO ENTRE GESTORES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE, COMUNICAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ENTRE SI E COM PESQUISADORES.

Nesta pesquisa-ação-participativa, utilizamos a ecologia dos saberes, porque acreditamos que o conhecimento é produzido de diversas formas, como também pode ser comunicado de diversas formas. Daí o fato de termos utilizado uma diversidade de instrumentos, como formulários, com respostas objetivas, de sim e não, bem como, a comunicação oral onde nós falamos e gravamos a fim de utilizar a própria voz nos textos como está escrito acima. Investimentos nas xilogravuras, nas ilustrações e nos desenhos, na poesia, na literatura, pois são outras formas de abordar temas complexos em saúde. Essa prática na pesquisa, valoriza múltiplas formas de saberes, que podem ser expressos de outras formas, não só no livro ou não só escrito, mas usando toda essa diversidade para mostrar o nosso conhecimento.

Dialogando de forma horizontal e com clareza pode se conquistar novas pessoas para participarem de atividades em defesa da saúde, do território e de políticas públicas. Então, nas oficinas, produzimos desenhos, reflexões e conhecimentos com essa intencionalidade de não só apreender o conhecimento e sistematizar, mas, refletir, e juntos criarmos propostas para mudar as realidades.

Falamos de saúde de uma maneira muito ampla, mas percebemos, que às vezes, é muito difícil falar com os gestores sobre isso. Então, o conceito de tradução, é tentar trabalhar os temas da saúde em uma linguagem mais próxima do povo. Às vezes, quando lemos



os termos próprios da saúde, podem ser de fácil compreensão, mas nem sempre é para outras pessoas, como usuários do SUS. A tradução, nesta coletânea traz essa perspectiva de ampliar as possibilidades de compreensão dos saberes, integrando as ciências e as artes.

Trabalhamos nesta pesquisa com essa diversidade de possibilidades de aprender sobre saúde e sobre a vida para poder contribuir com o momento presente, em ato, e não só o futuro. Nós como pesquisadores pretendemos deixá-los instigados e animados na defesa da saúde.

Interprofissionalidade no seu contexto: traga seus aprendizados para contribuir com este conceito

REGISTRE AQUI!

A interculturalidade se apresenta como desafio e potencialidade para a atuação das equipes de saúde da família nos territórios. Trabalhar no território camponês, do sertanejo, requer conhecer uma multiplicidade de formas de expressão da linguagem, no vocabulário, na música, na poesia entre outras. A cultura nos possibilita diversificadas formas de nos comunicar, de cuidar e de estar em relação com a natureza. Temos uma diversidade na população com diversas matizes culturais, históricas, sociais, ancestrais, espirituais e outras. No cotidiano dos serviços de saúde da ESF há necessidade de se aperfeiçoar a abordagem do cuidado em saúde, a partir da interculturalidade, compreendendo nossa diversidade e capacidade de sermos resilientes, de superar e reinventarmos a vida.



Os participantes afirmam que: **“o diálogo intercultural é insuficiente, existe pouca ação, de forma lenta, falta estrutura para a equipe atender as necessidades e demandas adequadamente, com pouca eficiência, tendo em vista as condições de trabalho das equipes.”** Em adição, reforçam a necessidade de fixação dos profissionais de saúde, qualificação profissional e atuação intersetorial no território camponês, como pode ser lido nas falas abaixo:

ROTATIVIDADE DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE,
EM ESPECIAL DO MÉDICO, A CADA VEZ QUE
HÁ MUDANÇAS DE GESTÃO OU SOLICITAÇÃO
PESSOAL DO PROFISSIONAL.

NECESSIDADE DE UMA FORMAÇÃO
CONTEXTUALIZADA COM AS REALIDADES
DOS TERRITÓRIOS.

FALTA DIÁLOGOS ENTRE AS COMUNIDADES,
ENTIDADES E MOVIMENTOS ENTRE SI
E COM OS GESTORES LOCAIS, COM AS
EQUIPES DE SAÚDE, COM A DISSEMINAÇÃO
INTERSETORIAL ABRANGENDO SETORES
DA EDUCAÇÃO, DO MEIO-AMBIENTE, DO
LEGISLATIVO, ENTRE OUTROS.



5. NOTAS SOBRE AS INOVAÇÕES NOS CUIDADOS EM SAÚDE DAS POPULAÇÕES DO CAMPO, DA FLORESTA E DAS ÁGUAS NA ESE

A

As ações inovadoras mencionadas nas cartas e na roda de conversa estão relacionadas a iniciativa da comunidade na sua luta em defesa do modo de vida extremamente favorável à saúde. Consideramos esta experiência inovadora e/ou significativa, por valorizar uma forma de vida e trabalho em parâmetros saudáveis e sustentáveis. Como resultados essa experiência propiciou a promoção da interação das três comunidades atingidas, fortalecendo a produção em saúde, com ênfase no resgate e fortalecimento do modo de vida. Esta interação fortaleceu o saber popular e o resgate da ancestralidade do território, que eram problemas, que motivaram a união das comunidades em busca do bem viver.

A experiência retrata a mobilização comunitária em busca do seu bem viver, com uma ampla apropriação por parte da comunidade sobre cuidados, transformando a forma de cuidado da saúde comunitária, proporcionando resgate de saberes e uma nova forma de lidar com o ambiente, ampliando o escopo de promoção da saúde. Acreditamos que a força do povo camponês e seus processos diversificados de produção de alimentos, bem como sua luta contra a mineração, que ameaça os seus modos de vida relacionadas aos bens comuns, são elementos promotores da saúde.

Demonstramos que é possível transformar a realidade local mesmo diante de um contexto desfavorável, por meio do reconhecimento e fortalecimento das potencialidades que o território oferta; estabelecendo parcerias, compartilhando responsabilidades e contribuindo fortemente para a mudança da realidade local.



O que seria inovação no seu trabalho?

REGISTRE AQUI!



Carlos Drummond de Andrade, escreveu o poema *Lira Itabirana*, aos 83 anos de idade, em 1985, que é uma crítica do efeito da mineração em seu estado natal. A seguir trazemos o poema:

Lira Itabirana

I

*O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.*

II

*Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!*

III

*A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.*

IV

*Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?*



Os versos carregam um tom profético ao criticarem o efeito da mineração no estado natal do poeta. Drummond nasceu em Itabira, Minas Gerais, mesma cidade em que surgiu a Vale do Rio Doce, em 1942. A empresa, junto com a angloaustraliana BHP Billiton, é dona da Samarco, responsável pelo maior desastre ambiental da história do país. O desastre da Samarco/Vale/PHP Billiton é determinante para compreendermos como se configura a política de fiscalização e controle referentes à mineração no Brasil. A inação do Estado no que diz respeito a um entendimento amplo e democrático da matriz de disposição e recuperação de rejeitos de mineração no Brasil, provoca uma armadilha de elevação exponencial dos riscos a população e ecossistemas (Mansur et. al., 2016).

As Populações do campo, da floresta e das águas (PCFA), que convivem com a atividade mineral em seus territórios, observam as interfaces da indústria mineral e sua contínua expansão sobre forma de “pilhagem territorial” e a dinâmica “jurídico-institucional” que lhe confere tal ímpeto. A expansão da extração mineral no Brasil, nos últimos anos, triplicou seu papel no valor adicionado nacional de 1,6% para 4,15% entre 2002 e 2014, constituindo o principal elemento indutor da ampliação de suas infraestruturas associadas (Zonta; Trocate, 2016).

A pilhagem dos territórios é compreendida como a expressão concreta dos processos de espoliação e degradação da natureza e do trabalho, territorializados pelos grandes projetos de extrativismo mineral. Os efeitos sociais e ambientais dos desastres, revelam a “pilhagem territorial” nos lugares ocupados historicamente por povos tradicionais e demais trabalhadores rurais e urbanos.

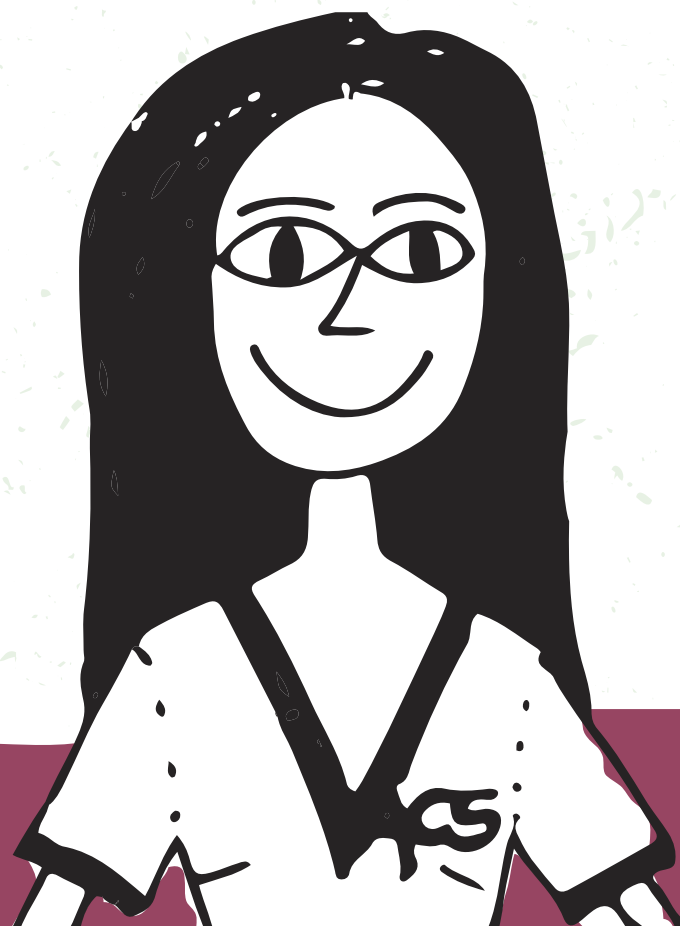
Expõem ainda um cenário de agressão frontal aos direitos sociais, ao meio ambiente e à dignidade humana. Impactos e destruição de espaços de existência coletiva (comunidades rurais, assentamentos, distritos, bairros etc.), recursos hídricos e solos férteis arruinados, exploração, adoecimento e morte de trabalhadores são características centrais da “pilhagem territorial” provocada pelos desastres, sejam resultantes dos rejeitos do rompimento de barragens da mineração ou outros tipos de interferências no cotidiano da vida das comunidades impactadas por esse tipo de empreendimento (Perpétua, 2014; Zonta; Trocate, 2016).

[...] ENTRE O FINAL DA DÉCADA DE 1960 E INÍCIO DA DE 1970, NO CONTEXTO DA CRIAÇÃO DO CLUBE DE ROMA (1968) E DA REALIZAÇÃO DA I CONFERÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE HUMANO - CONFERÊNCIA DE ESTOCOLMO (1972), A PARTIR DESSES EVENTOS HOUE A INSERÇÃO DEFINITIVA DAS ANÁLISES DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NA AGENDA MUNDIAL (BRITO ET AL., 2011, P. 52).

A partir desse entendimento do autor, percebemos que os conflitos socioambientais estão ligados ao modelo de economia clássica, que se tornou insustentável não somente do ponto de vista econômico e ambiental, mas também quando nos referimos à justiça social e às características culturais presentes nos territórios tradicionais.

Na visão de Brito et al. (2011), é a partir daí que surge, na década de 1980, o termo desenvolvimento sustentável como alternativa de conciliação entre a matriz econômica, que fosse capaz de crescer, mas respeitando os limites dos recursos naturais e dos direitos sociais. Em outras palavras, o desafio do chamado desenvolvimento sustentável seria de harmonizar o progresso humano com os limites que os recursos naturais determinam.

A proposta de desenvolvimento sustentável, articula princípios de justiça social, viabilidade econômica e prudência ecológica como metas a serem atingidas. Segundo Rigotto (2008), muitos são hoje os significados atribuídos ao termo “desenvolvimento sustentável”, sendo um conceito em construção na agenda social e sob forte disputa. Para Rigotto,



[...] “DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL É HOJE UMA EXPRESSÃO QUE CONFORMA UM ESPAÇO DE DEBATE E DISPUTA ENTRE DIVERSOS CONCEITOS. ELA ABRIGA DESDE UMA ABORDAGEM PROGRAMÁTICA DE VIABILIZAÇÃO DE UM NOVO MODELO DE DESENVOLVIMENTO, TRANSFORMANDO O SISTEMA DE PRODUÇÃO E DE CONSUMO, ATÉ O PRAGMATISMO DE ARTICULAR O AMBIENTAL E O SOCIAL DENTRO DO MODELO VIGENTE, FAZENDO DISTO NOVOS NICHOS DE MERCADO. HÁ OS QUE USAM O TERMO APENAS PARA CONFERIR UM TOM DE MODERNIDADE AO SEU DISCURSO, SEM COMPROMISSO COM MUDANÇAS. HÁ OS QUE O CONSIDERAM COMO UMA AGENDA NECESSÁRIA E POLITICAMENTE VIÁVEL PARA O CONTEXTO ATUAL, RECONHECENDO NELE LIMITES OU NÃO. HÁ AINDA OS QUE CONSIDERAM O CONCEITO CONTRADITÓRIO POR NATUREZA, DESACREDITANDO DA POSSIBILIDADE DE ARTICULAR DESENVOLVIMENTO COM SUSTENTABILIDADE, SEJA PELOS LIMITES IMPOSTOS PELA E PARA A HOMEOSTASE DO AMBIENTE, SEJA PELAS CARACTERÍSTICAS DA LÓGICA DO MERCADO E DA NECESSIDADE DE EXPANSÃO PERMANENTE INERENTE AO CAPITALISMO. AS QUESTÕES DO PAPEL DO ESTADO E DO MERCADO, E DA DESIGUALDADE NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS SÃO CONSTANTEMENTE EVOCADAS NOS DEBATES, NO CONTEXTO DA EXPANSÃO DO NEOLIBERALISMO E DA GLOBALIZAÇÃO” (RIGOTTO, 2004, P. 105).

A concepção hegemônica de desenvolvimento sustentável, concebe o meio ambiente como uma realidade objetiva, instância separada e externa às dinâmicas sociais

e políticas da sociedade (Zhourri et al., 2005). Os conflitos ambientais, as necessidades das populações locais, os impactos sobre a saúde são colocados como variáveis ambientais passíveis de resolução e tratados como “externalidades” do processo produtivo. Os problemas advindos dos processos de desenvolvimento e relacionados com as “variáveis” seriam resolvidos através de medidas mitigadoras e o uso da técnica e da ciência.

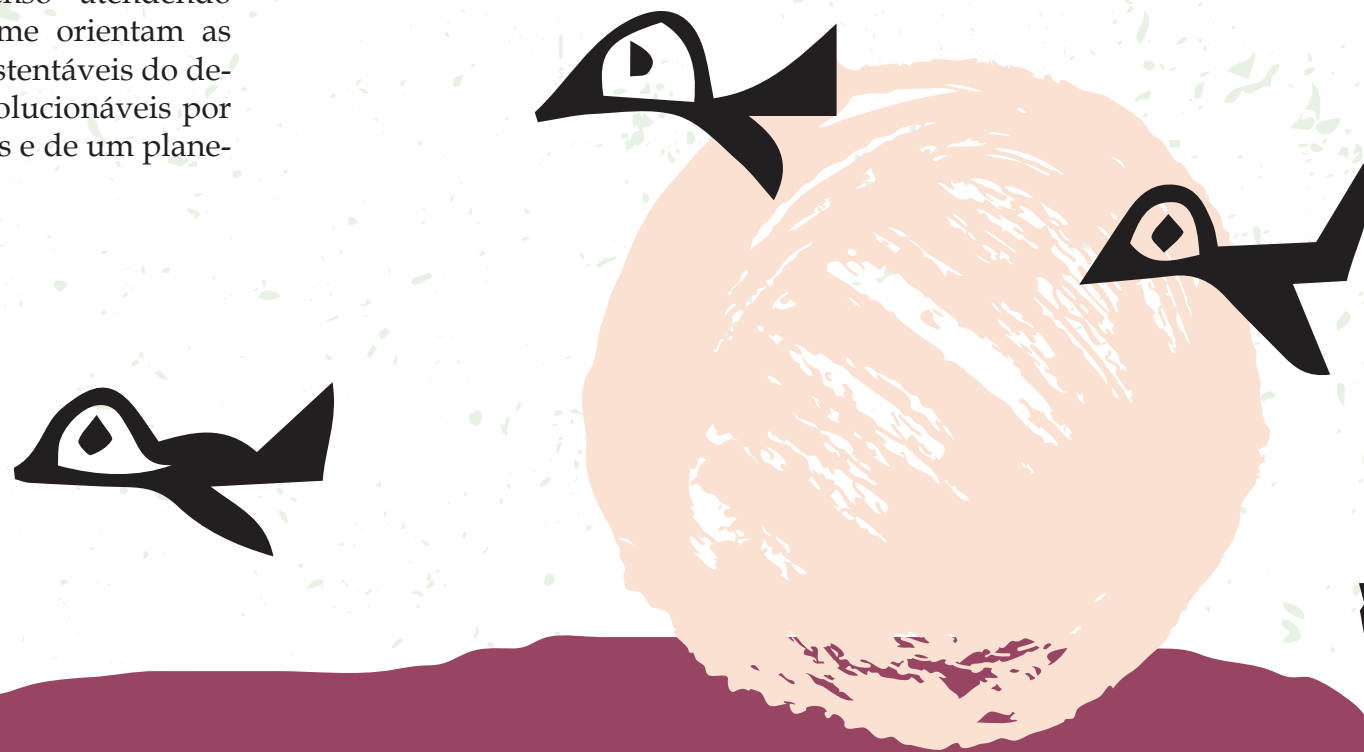
O termo desenvolvimento sustentável veio para “abrandar” a voracidade do mercado em busca do progresso material, uma vez que, estavam sendo consideradas as necessidades das gerações futuras conforme está descrito no Relatório Bruntland. O conceito de sustentabilidade foi cunhado neste Relatório em 1987. Nessa proposta, foram listadas metas e estratégias para os principais obstáculos ao desenvolvimento, desde o nível local, regional, nacional e até internacional (Rattner, 2009).

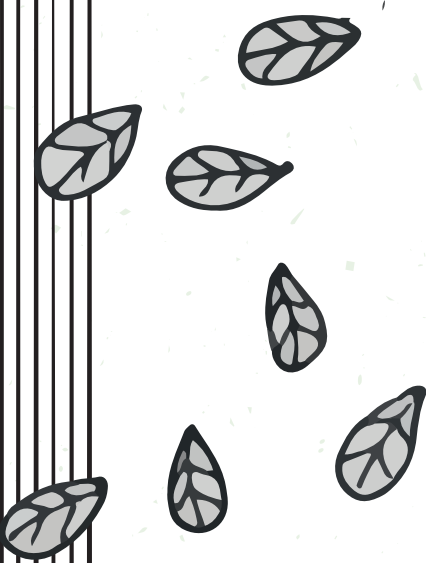
Conforme Rattner, os nefastos resultados dos processos de desenvolvimento econômico demonstram claramente a insustentabilidade desse modelo, sendo necessária a adoção de novas nomenclaturas e formas de tratar essa questão.



Acsehrad (1997) afirma que o discurso sobre sustentabilidade nasceu no seio da tecnoburocracia do desenvolvimento capitalista. Ele foi emergindo através da caracterização de problemas globais que afetariam a biosfera e da pressão do movimento ambientalista. Na lógica da própria tecnoburocracia haveria o reconhecimento de que o desenvolvimento capitalista estaria ameaçado porque as suas bases materiais de reprodução estariam sendo comprometidas.

Nos debates existentes sobre sustentabilidade, a ideia de uma conciliação entre os “interesses” econômicos, ecológicos e sociais são prementes. Prevalece a crença de que os conflitos que surgem possam ser resolvidos por meio da “gestão” do diálogo entre os atores, com a finalidade de se alcançar um “consenso” atendendo à premissa da “participação” conforme orientam as agências de fomento. Os efeitos não sustentáveis do desenvolvimento são percebidos como solucionáveis por meio da utilização de novas tecnologias e de um planejamento racional (Zhourri et al., 2005).





OS CONFLITOS AMBIENTAIS PODEM SER COMPREENDIDOS ENQUANTO CONFLITOS ENTRE DIFERENTES FORMAS DE USO E SIGNIFICAÇÃO DOS RECURSOS E OBJETOS NATURAIS, EM QUE ENTENDIMENTOS E PRÁTICAS DOMINANTES SE SOBREPÕEM, COMPROMETENDO AS OUTRAS NÃO DOMINANTES. SE PARA SAMARCO/VALE/ BHP BILLITON AS LOCALIDADES RURAIS DE MARIANA E BARRA LONGA, ASSIM COMO TODO O RIO DOCE, SÃO AGORA EXTENSÕES DE SUA BARRAGEM DE REJEITOS, PARA OS POVOS QUE LÁ VIVEM (AGORA SOBREVIVEM), TRATA-SE DE ESPAÇOS COMUNS DE REPRODUÇÃO MATERIAL E SOCIAL DA VIDA. COM O ESPRAIAMENTO DO REJEITO DA MINERAÇÃO SOBRE ESSES TERRITÓRIOS, TAIS EMPRESAS IMPUSERAM SEU USO PRIVADO AO MEIO AMBIENTE DESTES GRUPOS SOCIAIS”, “NELES LANÇANDO OS PRODUTOS NÃO VENDÁVEIS DA PRODUÇÃO DE MERCADORIAS” (ACSELRAD, 2015, p. 61).

Os referidos efeitos reais e potenciais dizem respeito, no entanto, a determinadas opções técnicas. A definição do evento como desastre tecnológico da Samarco/Vale/BHP Billiton parte da compreensão de que as operações de disposição de rejeitos na indústria extrativa mineral (IEM) no Brasil, em geral, e na Samarco, em particular, constituem uma opção tecnológica determinada por incentivos de mercado (em processo de mudança significativa em função da alteração para um macrocenário de pós-boom das commodities), práticas corporativas inadequadas e intensificadoras de riscos socioambientais

e da inação estatal no que concerne à fiscalização e ao controle (Zhour; Laschefski, 2015).

Conforme Silva, 2020, p.87,

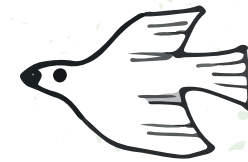
[...] AS GRANDES MINERADORAS ENCONTRARAM VÁRIAS DIFICULDADES PARA MANTER UMA RECEITA SUPERAVITÁRIA DURANTE O PÓS-BOOM. PORÉM, ESTE CONTEXTO TERMINOU NO ANO DE 2018, QUANDO O MERCADO DE COMMODITIES MINERAIS PASSOU A SER DEFINIDO PELA ESTABILIZAÇÃO E AUMENTO SUCESSIVO, MESMO QUE PEQUENO, DOS PREÇOS. PORÉM, MUITOS ANOS DEPOIS, OS CONFLITOS CRIADOS PELA MÁQUINA DO MUNDO (CHINA) NO CONTEXTO DO BOOM DAS COMMODITIES SE ESTENDEM E SE APROFUNDAM.

COMO REFLEXO SOBRE OS TERRITÓRIOS, HOVE AUMENTO DA PRESSÃO DO CAPITAL MINERADOR E, COM ISSO, A INSTALAÇÃO E EXPANSÃO DE NOVAS INFRAESTRUTURAS PRODUTIVAS, LOGÍSTICAS E DE DESCARTE (BARRAGENS, MINERODUTOS, FERROVIAS, USINAS GERADORAS DE ENERGIAS, UNIDADES DE TRANSFORMAÇÃO, PORTOS ETC.). NESSE PROCESSO, AS MINERADORAS DEMANDAM MAIOR INCORPORAÇÃO DE MÃO DE OBRA, MINÉRIO, ÁGUA, ENERGIA E INCREMENTA-SE A GERAÇÃO DE RESÍDUO, ACIRRANDO-SE CADA VEZ MAIS OS CONFLITOS.

FIGURA 16 REJEITOS DA MINERADORA DE FERRO SENDO CAR-
READOS PELO RIO POTI EM QUITERIANÓPOLIS, CEARÁ.



Fonte: Arquivos fotográficos da pesquisa Serpovos, 2022.



Após o rompimento das barragens, diferentes órgãos estatais, se apressaram em anunciar multas à Samarco. Entretanto, a forma como o sistema punitivo está estruturado no Brasil e as práticas da empresa com relação às multas sugerem que essas penalidades serão contestadas e, após alguns anos de disputas judiciais, parte considerável deixará de ser paga.

O aprendizado institucional do desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton também parece ser limitado. Os órgãos de monitoramento e controle ambiental nos níveis estadual e federal passam por um processo estrutural de sucateamento, carência de pessoal, equipamentos e recursos para promoção de fiscalização mais efetiva e eficiente. A visão ainda corrente entre os gestores públicos de que a degradação socioambiental seria um problema menor, sugere que poucos esforços serão feitos para reverter esse quadro (Mansur, et. al., 2016).

Concluimos esse aporte de contribuições dos autores sobre o tema, com o grande poeta Carlos Drummond de Andrade que nos brinda com suas sábias percepções através de um poema.

A montanha pulverizada

*Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa.*

*Era coisa de índios e a tomamos
para enfeitar e presidir a vida
neste vale soturno onde a riqueza
maior é a sua vista a contemplá-la.*

*De longe nos revela o perfil grave.
A cada volta de caminho aponta
uma forma de ser, em ferro, eterna,
e sopra eternidade na fluência.*



*Esta manhã acordo
e não a encontro.
Britada em bilhões de lascas
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões
no trem-monstro de 5 locomotivas
- Trem maior do mundo, tomem nota -
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo a paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.*

(Carlos Drummond de Andrade)



Que outros autores você
já leu sobre estes temas?

REGISTRE AQUI!

6. AÇÕES TECIDAS NA ARTESANIA

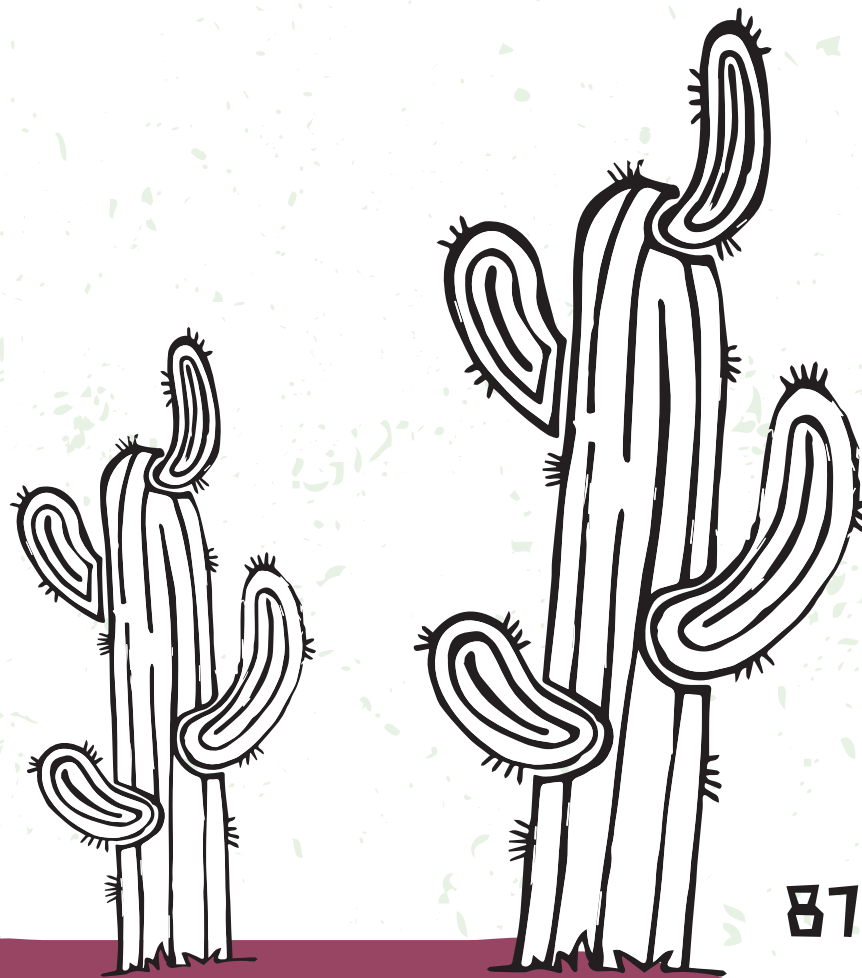
**DAS PRÁTICAS DE
CUIDADOS EM SAÚDE
DAS POPULAÇÕES DO
CAMPO NA ESF**

N

esta pesquisa-ação-participativa, uma etapa importante consiste nas ações para fortalecer os processos locais, regionais e estaduais na defesa do direito à saúde. Buscamos identificar quais as ações e estratégias eram realizadas pela equipe de Saúde da Família para solucionar ou amenizar as necessidades sociais de saúde das famílias e pessoas do território sob sua responsabilidade sanitária. Além de identificar as ações realizadas é necessário propor novas ações. Identificamos a seguir alguns desafios que existem no SUS segundo os participantes. Em síntese, atualmente, a equipe de saúde da família, que atua no território rural é percebida nas seguintes dimensões:

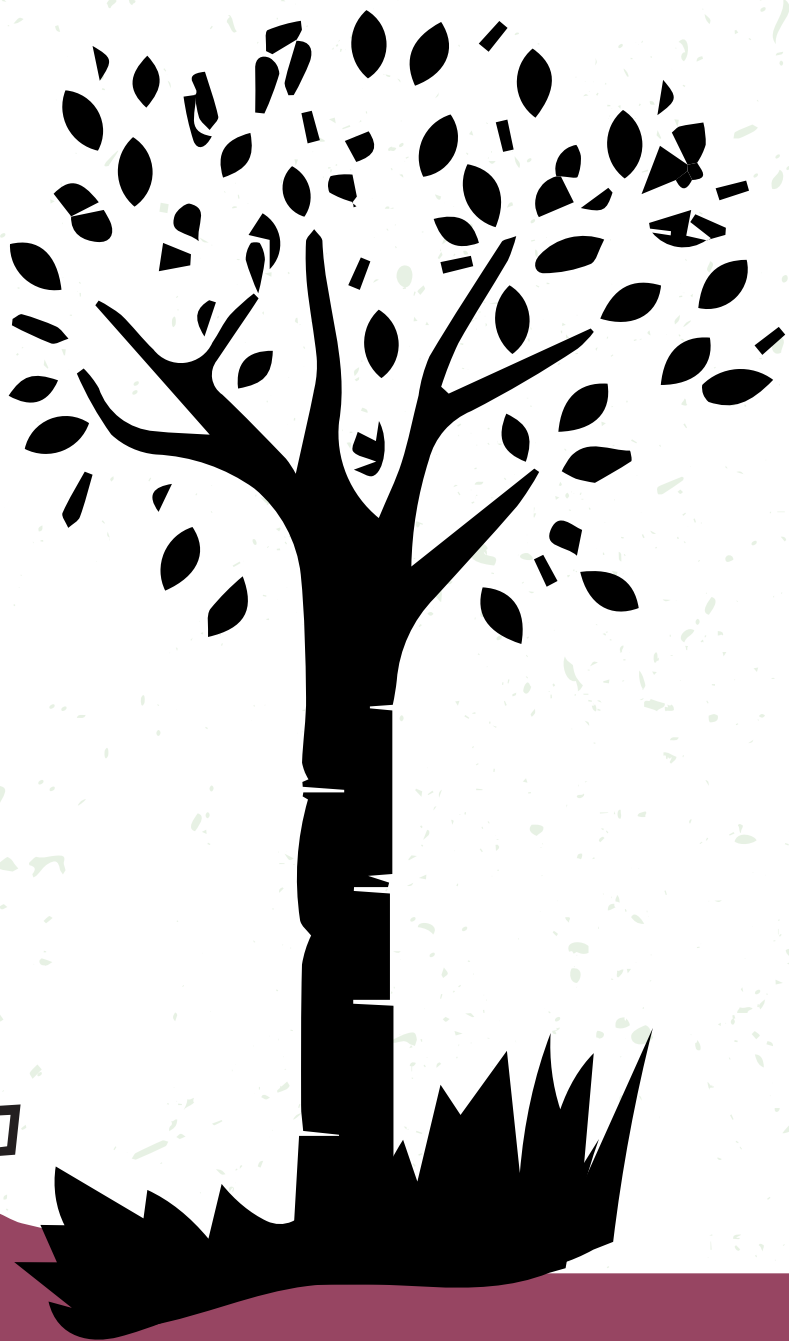
“identificamos os profissionais existentes, a frequência do trabalho, a qualidade do atendimento. Percebemos as dificuldades como a insuficiência de profissionais, o desconhecimento dos profissionais existentes sobre os impactos da mineração e os consequentes casos de doenças e as dificuldades no acolhimento no serviço, na comunicação, na organização do serviço no território e acesso à atenção secundária.”

A seguir, os relatos dos participantes





A APS NÃO DESENVOLVE UM OLHAR ESPECIAL PARA A MINERAÇÃO E OS CASOS DE DOENÇAS SÃO COMUNS NA COMUNIDADE. [...] A REUNIÃO QUE TIVEMOS AQUI QUANDO O PESSOAL DA SECRETARIA DE SAÚDE ESTEVE AQUI, ELES DISSERAM QUE DESCONHECIAM A PROBLEMATIZAÇÃO DA SAÚDE EM RELAÇÃO À MINERAÇÃO E AÍ UMA COISA QUE LEMBREI É QUE QUANDO A MINERADORA TAVA NA ATIVA, QUEM TRABALHAVA LÁ SÓ BASTAVA CHEGAR NO HOSPITAL E DIZER QUE TRABALHAVA NA MINERADORA E JÁ TINHAM PASSE LIVRE PARA ENTRAR IMEDIATAMENTE NO HOSPITAL DE QUITERIANÓPOLIS. ENTÃO COMO É QUE AS PESSOAS DA SAÚDE DESCONHECEM ESSA PROBLEMÁTICA? EU SEI QUE A GENTE TEM MUITOS CONTRATADOS NO MUNICÍPIO E MUDA DE ACORDO COM A GESTÃO QUE AQUI EU ACHO QUE TODO MUNDO SABE, MAS NÓS TEMOS OS PROFISSIONAIS CONCURSADOS E AINDA TEMOS PROFISSIONAIS QUE SÃO CONTRATADOS, MAS QUE NÃO MUDARAM DURANTE A GESTÃO E ESTAVAM LÁ, POR ISSO EU ACHEI TÃO BONITINHO NAQUELE DIA O PESSOAL FALANDO E EU CONHECENDO AS MESMAS CARAS QUE ESTAVAM NA ÉPOCA.



[...] FALTA COMUNICAÇÃO, PORQUE OS PONTOS DOS POSTOS DE SAÚDE NÃO HÁ ESSA COMUNICAÇÃO - MUITAS VEZES SOMOS TRATADOS ATÉ MAL QUANDO CHEGAMOS NESSE AMBIENTE, A FALTA DE VISITA PORQUE ÀS VEZES PASSA DE 90 DIAS SEM FAZER VISITA A PESSOA ACAMADA, ENTÃO ESSA VISITA É BEM VAZIA.

E A FALTA DE PROFISSIONAIS E DE CONHECIMENTO. NÓS TEMOS ALGUNS PROFISSIONAIS, SIM, DA SAÚDE, MAS EM RELAÇÃO AO CONHECIMENTO DAS DOENÇAS VOLTADAS PARA A MINERAÇÃO, NÓS NÃO TEMOS E ISSO FALTA MUITO AQUI NO NOSSO MUNICÍPIO E É ISSO PESSOAL [...].

A FALTA DE PROFISSIONAIS COM CONHECIMENTOS, E FALTA DE MEDICAMENTOS, DE DIÁLOGOS, FALTA A VISITA DO AGENTE COMUNITÁRIO E DOS MÉDICOS, PORQUE ELE DIZ QUE NÃO É OBRIGAÇÃO DELE VISITAR AS FAMÍLIAS.



Há uma compreensão de que os profissionais precisam, portanto serem qualificados para abordar o tema da mineração e seus efeitos na saúde, ambiente e trabalho. É de suma importância, que nos territórios das populações do campo, da floresta e das águas haja investimentos na formação dos trabalhadores do SUS. Já temos a Portaria n 2.866, de 2 de dezembro de 2011, que institui a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas (PNSIPCFA), que subsidia a atuação no SUS considerando as especificidades destas populações.

Em relação a melhoraria do acesso, a PNSIPCFA reforça que as ações devem considerar a diversidade desses grupos populacionais e seus processos de produção e reprodução social, respeitando o conjunto de suas crenças e seus valores (Brasil, 2013).

A PNSIPCFA reafirma que a sua viabilidade e efetividade exige um processo ágil de educação permanente dos trabalhadores de saúde e dessas populações, de modo a aumentar a compreensão de ambos sobre as especificidades da relação entre o processo de trabalho no campo, na floresta e nas águas e a saúde (Brasil, 2013).

A partir do dito no território e na política fica evidente que é fundamental estruturar a Rede de Atenção à Saúde, assim como os serviços de vigilância para cuidar adequadamente da população. Ainda há muito o

que se avançar nesse sentido, sendo, portanto, imprescindível as iniciativas de vigilância popular da saúde, como a da experiência relatada neste caderno, como motrizes neste processo de luta por respostas efetivas na saúde, ambiente e trabalho, por parte do Estado.

Discutimos a partir destes questionamentos: a) “Como as Instituições de Ensino e Pesquisa podem contribuir para que essas experiências sejam implantadas noutros territórios?” e b) “Como envolver os entes federados na replicação/socialização de experiências significativas para inovar os cuidados em saúde nos territórios?”. Das discussões, nasceram as seguintes ações necessárias para avançar no fortalecimento da experiência, no aperfeiçoamento da ESF e no estímulo a inovação do cuidado em saúde em territórios rurais:

1. Buscar apoio junto a gestão municipal da saúde no sentido de melhorar a integralidade da atenção;
2. Buscar o diálogo com os profissionais da saúde e junto à gestão;
3. Contribuir para o diálogo com a gestão e profissionais de saúde de forma sistemática visando a melhoria da atenção;

4. Disponibilizar o acesso da comunidade aos painéis das conversas desenhadas, das fotografias e demais produtos da pesquisa que serão publicados posteriormente.

5. Disseminar as informações produzidas nas oficinas utilizando esse caderno em diferentes momentos que a comunidade possa oportunizar;

6. Divulgar os resultados da oficina da pesquisa;

7. Estimular as famílias para a produção de alimentos saudáveis melhorando as condições de sobrevivência e lutar por uma natureza de qualidade;

8. Fortalecer a organização comunitária em busca de um bem viver para ter o direito a permanecer na nossa comunidade;

9. Fortalecer e visibilizar o uso da cultura alimentar na comunidade, mostrando a viabilidade da melhoria da qualidade de vida com essas práticas, por meio de espaços de diálogos com distintas Instituições;



- 10. Lutar para ter uma boa equipe de profissionais qualificados pelo menos duas vezes por mês nos postos de saúde;
- 11. Organizar lugares para reuniões com profissionais de saúde e gestão de forma frequente;
- 12. Realizar mutirão com a equipe de saúde no território para visitar as famílias e analisar os casos de doenças/mineração;
- 13. Utilizar os bons resultados da experiência, desencadeando ações de informação e comunicação com o apoio da equipe de saúde e associações.

A seguir alguns registros fotográficos do encerramento das atividades do dia. Este encerramento, na verdade é uma pausa para iniciar o movimento de escrita deste caderno por nós. E a comunidade continua em luta e implantando as ações. Aprendemos sobre saúde, organização comunitária, partilha, luta, resistências, falta de assistência das políticas públicas, defesa da vida, modo de vida camponês, dentre tantos outros aprendizados. Saímos de uma forma diferente deste encontro, gratos pelo povo que defende o rio, a alimentação saudável, ter equipe de saúde da família qualificada, ter diálogo para tecer um lugar de viver com dignidade.

FIGURA 17 - ENCERRAMENTO DA OFICINA.



Fontes das figuras 17 e 18: Arquivos fotográficos da pesquisa Serpovos, 2022.



FIGURA 18 VISTA PANORÂMICA DO TERRITÓRIO E DA MINA.



Complete nosso plano de ação com:

NOVAS AÇÕES:

COMO IMPLANTAR ESSAS AÇÕES:



Complete nosso plano de ação com:

**QUEM SÃO OS RESPONSÁVEIS
PELA IMPLANTAÇÃO:**

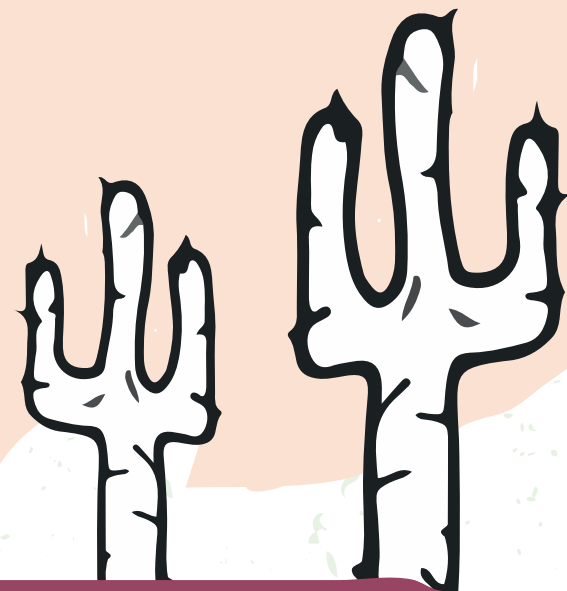


**QUAIS OS INDICADORES DE
MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO:**

Complete nosso plano de ação com:

QUAIS OS CUSTOS:

QUANDO COMEÇA A IMPLANTAÇÃO:



Complete nosso plano de ação com:

E OUTROS ELEMENTOS ESSENCIAIS:



Como autoavaliação sugerimos o instrumento a seguir. Leia e preencha com sua equipe!

PARÂMETROS DE INOVAÇÃO RELACIONADOS AO CUIDADO EM SAÚDE

Selecione os itens abaixo **conforme a frequência** com que a sua equipe da Estratégia Saúde da Família REALIZA as ações abaixo descritas.

5. Realiza com muita frequência	4. Realiza frequente	3. Realiza, mas não com frequência	2. Pouco realiza	1. Não realiza
PARÂMETROS				
ABORDAGEM CENTRADA NO TERRITÓRIO				
1 A equipe identifica processos produtivos danosos no território, como empreendimentos que causam a poluição das águas, do ar e dos solos.				
2 A equipe identifica quais são os poluentes lançados pelos empreendimentos no ambiente e seus impactos sobre os modos de vida e formas de trabalho presentes nas PCFA.				
3 A equipe identifica os agravos nas populações que são decorrentes dos empreendimentos implantados no território.				
4 A equipe realiza ações em conjunto com as comunidades para o enfrentamento dos impactos produzidos por empreendimentos no ambiente e na saúde das populações.				
5 A equipe realiza ações em conjunto com as comunidades para o enfrentamento de problemas relacionados com o saneamento, o acesso à água e o manejo dos resíduos sólidos nas PCFA.				

PARÂMETROS	5	4	3	2	1
6 A equipe reconhece, valoriza e fortalece os aspectos do trabalho e do modo de vida das PCFA que são promotores da saúde.					
7 A equipe realiza atividades de valorização dos saberes e das práticas tradicionais de saúde das PCFA e recomenda essas práticas presentes no território.					
FOCO EM GRUPOS POPULACIONAIS ESPECÍFICOS					
8 A equipe produz o cuidado integral a saúde considerando necessidades de saúde específicas das PCFA relacionadas com o modo de vida e trabalho dessas populações.					
9 A equipe desenvolve ações voltadas para o cuidado das mulheres das PCFA considerando as especificidades de gênero nessas populações.					
EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE					
10 A equipe utiliza meios de comunicação, tais como: rádios comunitárias, grupos de WhatsApp, facebook, ou outros que envolvam as comunidades, jovens, mulheres, famílias, idosos e escolas para produzir o cuidado.					

E PARA FINALIZAR

Vamos compartilhar os versos do poeta cearense Eugênio Leandro que expressa com beleza e sensibilidade tudo que a natureza e vida nos presenteia, que nos brinda nas suas letras com as maravilhas do sertão e o sentimento de luta e esperança que enche o coração de sertanejos e sertanejas.

Sentimos a necessidade de agradecer a oportunidade de conhecer e experimentar esses sentimentos por ocasião da visita a esses territórios.

Consolança

*Mas, se cortaram
O pé de juazeiro
Menina não chore
Se mataram o sabiá,*

*Não chore não
Pois inda resta o sol
Banhando o milho
Seco no roçado*

*Inda tem ruçara
Pra nos inquietar*

*Pedra se encontra
Ouvi alguém falar
Porque que um grande amor
Não pode se encontrar*

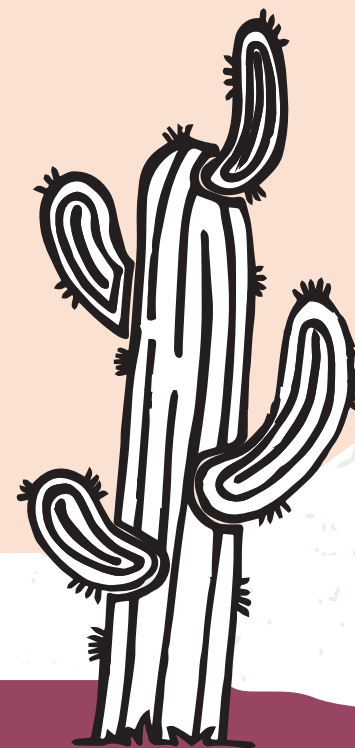
*Se secaram os rios
Inda assim não chore
As águas desse mar
Ninguém acaba não*

*O tempo conta pra gente menina
Por isso não chore, que o tempo não para
Menina vê se acaba esse choro
Assoletre com as pedras que sabem esperar*

Eugênio Leandro

Conte-nos depois desta leitura sobre sentir-pensar-agir em busca de inovações nos cuidados em saúde individuais; nos territórios; nas equipas de saúde; nas famílias; Como nós nos cuidamos e cuidamos do outro?

REGISTRE AQUI!





REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H.; LEROY, J-P. Novas premissas da sustentabilidade democrática. Rio de Janeiro: FASE, 1997.

ACSELRAD, H. Vulnerabilidade social, conflitos ambientais e regulação urbana. O Social em Questão - Ano XVIII, nº 33, 2015.

ANUÁRIO DO CEARÁ, 2023, 2024. Disponível em: <https://www.anuariodoceara.com.br>. Acesso em 2 de setembro de 2023.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. 1. ed.; 1. reimp. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2013. 48 p. : il. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacoes_campo.pdf

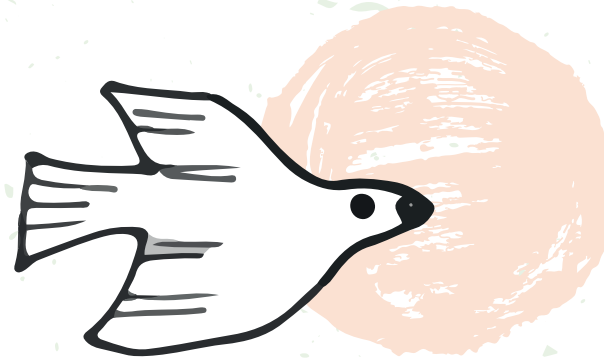
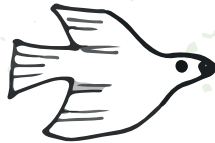
BRITO, D. M. C. et al. Conflitos socioambientais no século XXI. PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Macapá, n.4, p.51-8, dez. 2011.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

IBGE, Brasil em Síntese, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/quiterianópolis/panorama>. Acesso em 23 de agosto de 2023.

MANSUR, S. M. et. al., Antes fosse mais leve a carga: Introdução aos argumentos e recomendações referentes ao desastre da Samarco/Vale/PHP Billiton. In: Coleção A Questão Mineral no Brasil, vol. 2, Marcio Zonta e Charles Trocate (Orgs). Marabá, PA: Editorial iGuana, 2016. 237 p.

PERPETUA, G. M. Pilhagem territorial e degradação do trabalho nos novos espaços da produção de celulose



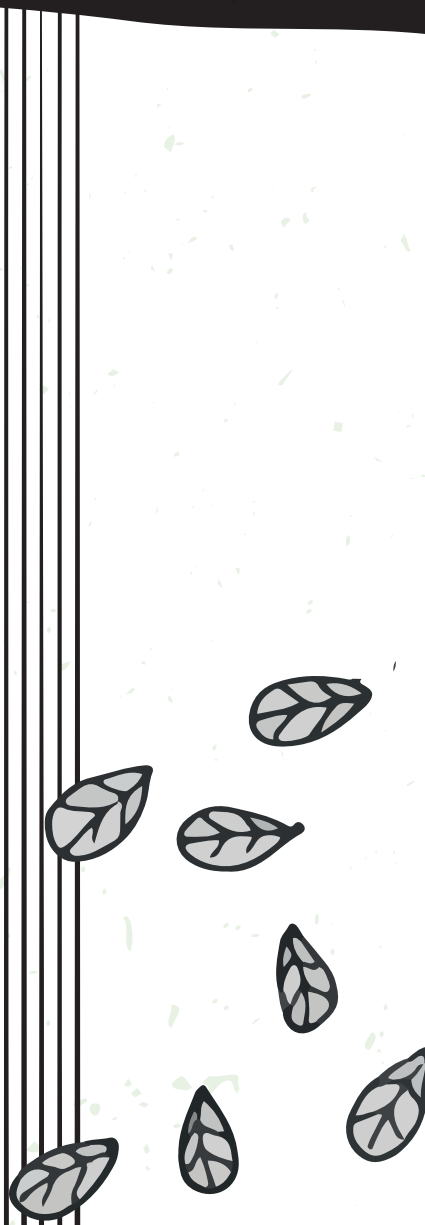
no Brasil. Pegada Eletrônica, Presidente Prudente (SP), 2014.

QUITERIANÓPOLIS, CEARÁ: Guia Completo sobre a Cidade, 2023. Disponível em <https://cidadesdomeu-brasil.com.br/ce/quiterianópolis>. Acesso em 30 de agosto de 2023.

RATTNER, H. Meio Ambiente, saúde e desenvolvimento sustentável. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v. 14, n. 6, dez. 2009.

RIGOTTO, R. M. O “progresso” chegou. E agora? As tramas da (in)sustentabilidade e a sustentação simbólica do desenvolvimento. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

_____. Desenvolvimento, ambiente e saúde: implicações da (des)localização industrial. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.




SILVA, E. C. da. A geopolítica do saque mineral: conflitos e impactos socioambientais da mineração de ferro em Quiterianópolis-CE. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) - Universidade Estadual Vale do Acaraú/ Centro de Ciências humanas. Sobral. 2020.

TROCATE, C.; COELHO, T., Quando vier o silêncio -- o problema mineral brasileiro. Belém: Editora iGuana, 2020.

ZHOURI, A. et. al., Desenvolvimento, sustentabilidade e conflitos socioambientais. In: _____. A insustentável leveza da política ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-24.

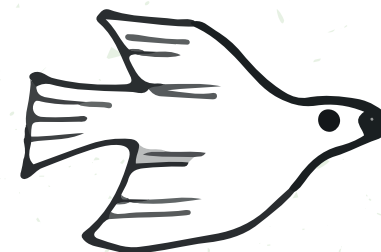
ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K. A. Assédio da Samarco Mineração (Vale/BHP) sobre as vítimas do rompimento das barragens em Mariana e arranjos institucionais equivocados para solução dos problemas das vítimas. Representação ao Ministério Público do Estado de Minas Gerais - MPE e à Procuradoria da República em Minas Gerais - MPF-MG, 25 de novembro de 2015. 16p.

ZONTA, M.; TROCATE, C. (Orgs.) Antes fosse mais leve a carga: reflexões sobre o desastre de Sanmarco/ Vale/ BHP Billiton. Marabá. PA: Editorial iGuana, 2016. 237 p. - (Coleção A questão Mineral, vol. 2).





SOBRE OS AUTORES DO CADERNO



VANIRA MATOS PESSOA

Enfermeira sanitária, Doutora em Saúde Coletiva, Pesquisadora em Saúde Pública da Fiocruz Ceará, Professora dos Programas de Pós-graduação em Saúde da Família (PPGSF/RENASF) e do PROFSAÚDE, Coordenadora do Serpovos.

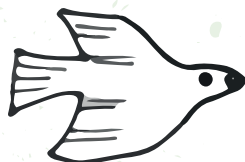
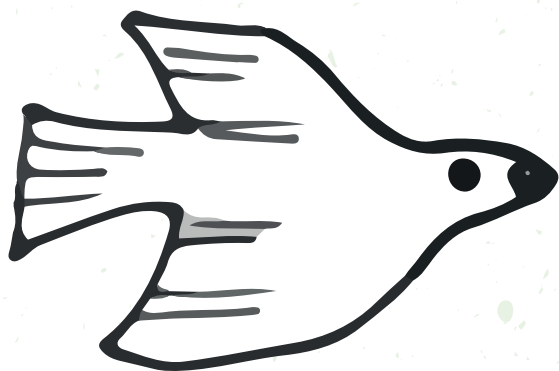
E-mail: vanira.pessoa@fiocruz.br



ERIVAN CAMELO DA SILVA

Mestre em geografia. Movimento pela Soberania Popular na Mineração

E-mail: erivancs05@gmail.com



MARIA DAS GRAÇAS VIANA BEZERRA

Cirurgiã-dentista, mestre em Saúde Pública, Pesquisadora colaboradora do Serpovos.

E-mail: viannamaria@yahoo.com.br



FERNANDO FERREIRA CARNEIRO

Biólogo, Doutor em Epidemiologia, Pesquisador em Saúde Pública da Fiocruz Ceará, Professor do Programa de Pós-graduação em Saúde da Família (PPGSF/RENASF), coordenador do participatório em saúde e ecologia de saberes.

E-mail: fernando.carneiro@fiocruz.br



ANDRESSA OLIVEIRA BRAZ DIAS

Enfermeira, mestranda do Programa de Pós-graduação em Saúde da Família (PROFSAÚDE), Profissional de saúde do SUS, Pesquisadora colaboradora do Serpovos.

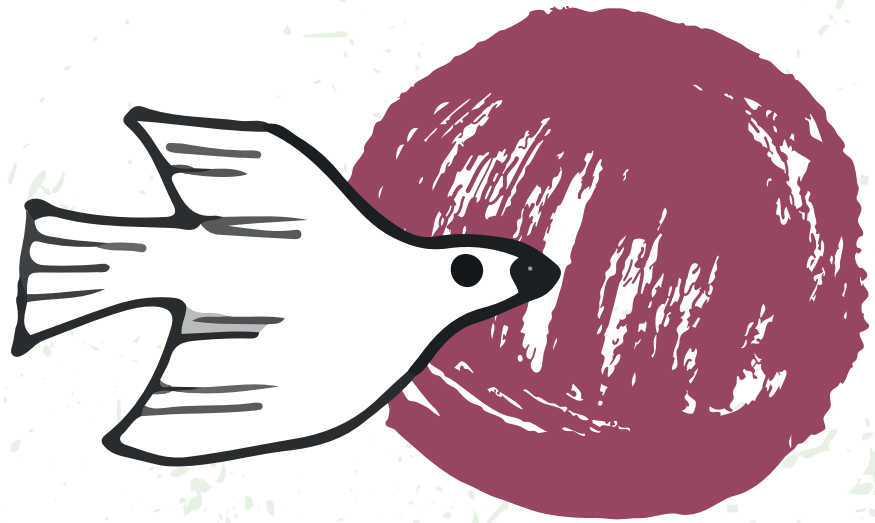
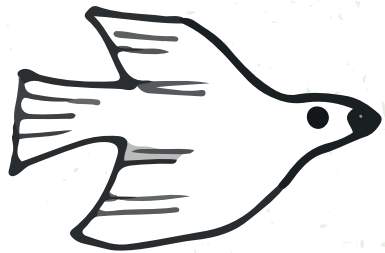
E- mail: andressa_braz@msn.com

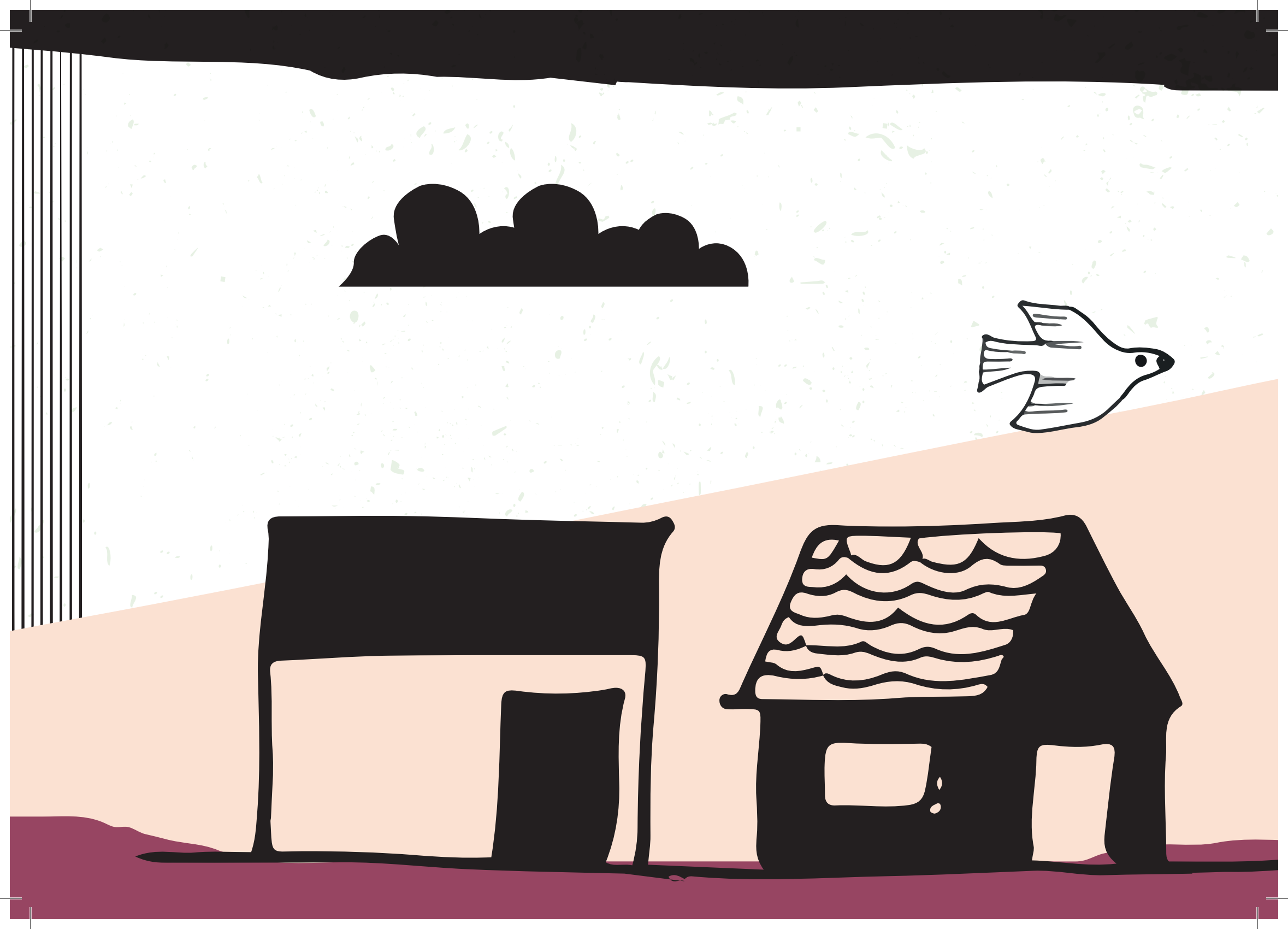


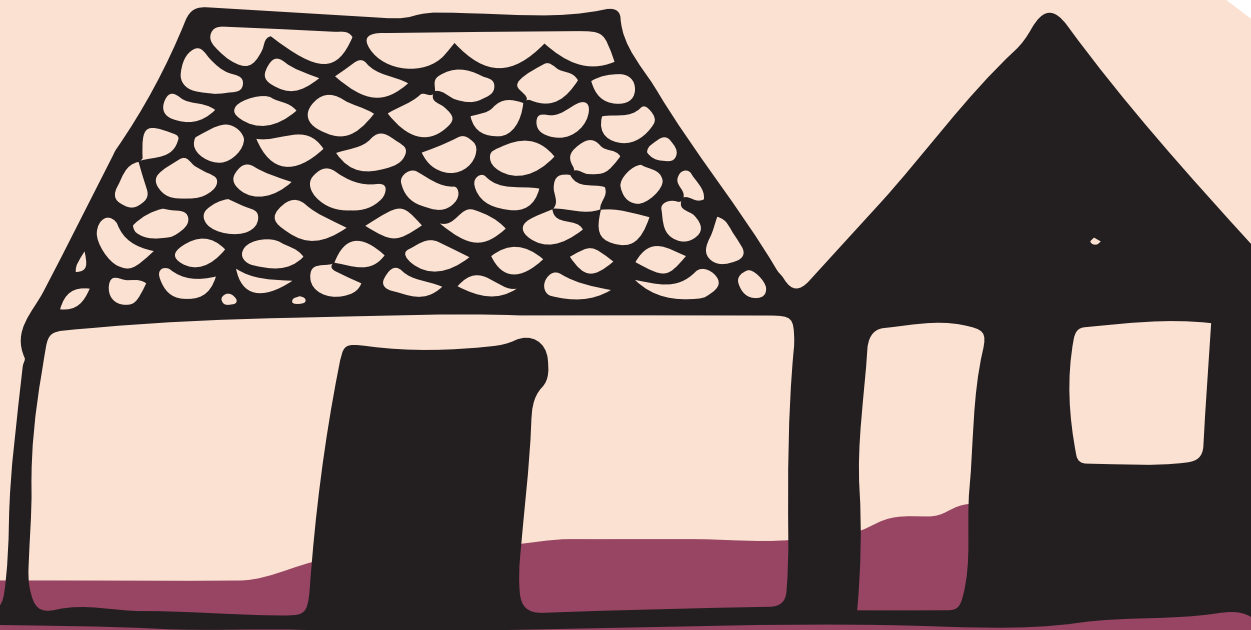
ANA CAROLINE MENDES BARBOSA

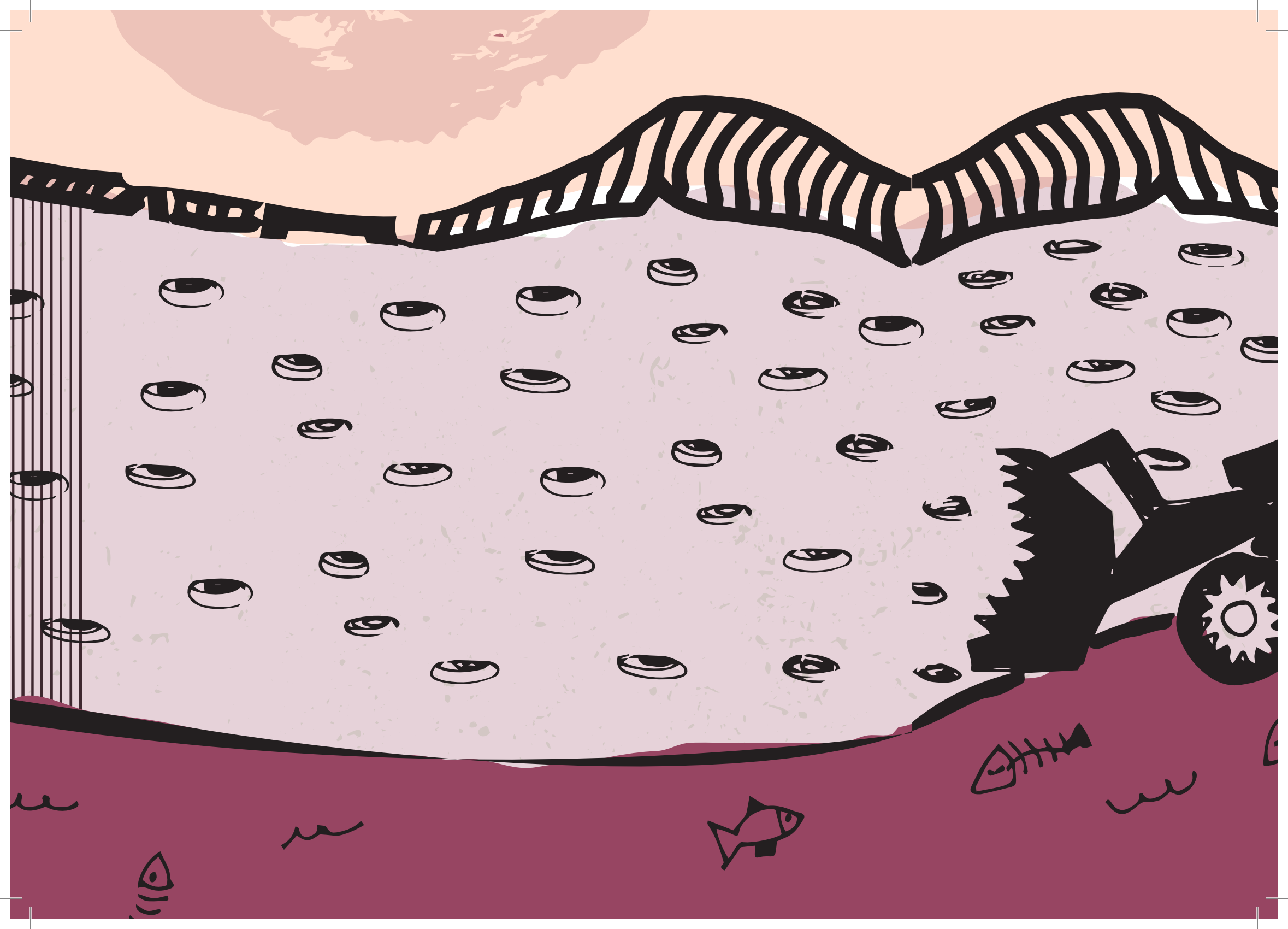
Economia Ecológica, Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora colaborada Serpovos.

E- mail: anacarolinemendes@alu.ufc.br

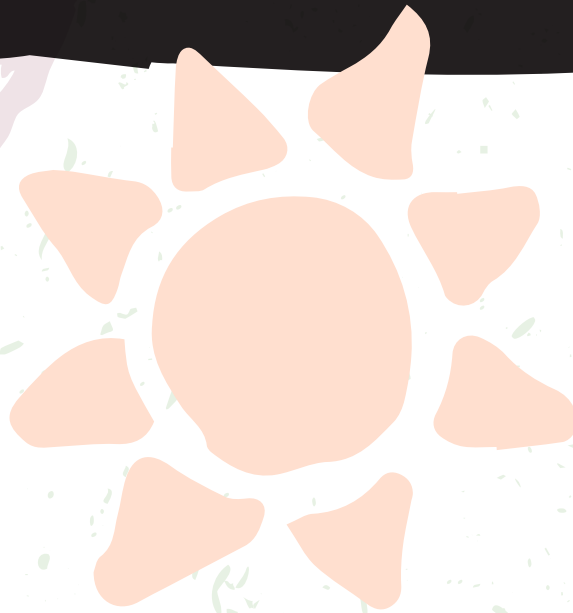












ISBN: 978-65-88540-09-1

BR



9 786588 540091

120

